

DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
E SAÚDE PÚBLICA

Revista do Ensino

Sumario

REDACÇÃO

Aos srs. directores de estabelecimentos de ensino

COLLABORAÇÃO

MARIO MATTOS — Normas e directrizes educacionaes

COSTANTINO MAGLIULO — A composição nas escolas primarias

AFFONSO DOS SANTOS — A evolução da creança

ABEL FAGUNDES — A função das bibliothecas escolares

HELENA ANTIPOFF — O amparo do pequeno jornalista

RENATO ELOY DE ANDRADE — A educação physica tratada em congresso

FABIOLA CHAVES DE SOUZA — A mestra e a creança

TRANSCRIPÇÕES

W. STERN — A selecção dos alumnos

AD. FERRIÈRE — Como aprender a trabalhar

ANTONIO ALONSO — O impulso creador das creanças.

NOTICIARIO

A estatistica bibliothecaria no Brasil

A protecção internacional das obras literarias e artisticas

ESCRITORIO DE PROCURATORIOS DE

Rpigiána Paulo Guilherme e Affonso Ferreira Paulino
brasileiros, casados, residentes na Capital
ANNEXO A CASA BANCARIA Dr. Antonio Ferreira Paulino

Extracção de titulos. Remoções. Licenças. Férias especiaes. Certidões. Aposentadorias. Adicionaes sobre vencimentos. Gratificações regulamentares. Material escolar. Matricula na Escola de Aperfeiçoamento. Diarias. Previdencia dos Servidores do Estado, a saber, inscripção na Sociedade; resgate e adeantamento, sem juros, de emprestimos da mesma.

Quaesquer serviços perante as repartições publicas

Rua Rio Grande do Norte, n. 641 -- Tel. 3030

CAPITAL

ESCRITORIO DE ADVOCACIA E PROCURATORIOS

Carlos da Cunha Corrêa e Carlos Filberto Corrêa

Encarregam-se de todos os serviços perante Repartições publicas estaduaes, especialmente o processado de aposentadoria consoante o novo Decreto.

Remettem antecipadamente os vencimentos de constituintes permanentes, de accordo com as normas estabelecidas pelo escriptorio.

PEÇAM PROSPECTOS

Rua Santa Catharina, 478 — Bello Horizonte

REVISTA DO ENSINO

Da Secretaria da Educação e Saude Publica

Aos srs. Directores de estabelecimentos
de ensino



No principio do corrente anno a "Revista do Ensino" remetteu aos directores de estabelecimentos publicos e particulares de ensino do Estado a seguinte circular:

"A *Revista do Ensino*, desejando vulgarizar o trabalho intelligente dos professores mineiros — pede aos srs. Directores de estabelecimentos publicos e particulares de ensino primario, normal e secundario a remessa de photographias documentarias das actividades educativas (excursões, projectos, trabalhos manuaes, jornaes escolares, bibliothecas infantis, etc.) em que se vejam os alumnos em acção, a exemplo de outras photographias que a "Revista" tem publicado. Serão preferidos os instantaneos em que se surprehenda uma situação natural, sem prévio preparo de endumentarias e sem o artificialismo da *pose*. Faça-se, por exemplo, que as creanças desenvolvam, no estabelecimento ou fóra d'elle, uma criação de coelhos ou bicho da sêda; que plantem uma horta ou tratem de um pequeno pomar; que fundem um jornalzinho ou

organizem uma excursão — e, num dos momentos de actividade das creanças, sem que estas sejam prevenidas ou ensaiadas, apanhe-se o instantaneo, que virá illustrar a “Revista” e dar um testemunho do esforço e do valor profissional de nossos educadores.”

A documentação photographica do trabalho nas escolas mineiras não só virá melhorar a feitura graphica da nossa revista, como constituirá elemento de valor como propaganda dos institutos de educação, mostrando os aspectos mais interessantes de sua vida e de suas actividades.

Assim, reiteramos aqui o pedido feito na circular acima, e receberemos essa contribuição dos nossos educandarios como util e preciosa collaboração.

PEDIMOS PERMUTA ÀS PUBLICAÇÕES CONGENERES DOS ESTADOS
E DO ESTRANGEIRO

Normas e directrizes educacionaes

(Discurso pronunciado no Instituto Commercial Mineiro, de Juiz de Fora)

Mario MATTOS

“Meditando na gentileza do convite para ser vosso paronympho neste acto, tive occasião de verificar, além dos aspectos sentimentaes, a alta significação moral, que elle encerra.

Por isso, as palavras iniciaes ora proferidas aqui deviam concretizar o estudo e o elogio de vossa patriotica profissão. Considerando assim, começou logo, de mim para commigo mesmo, a lucta entre a comprehensão do que deveis ouvir de vosso paronympho e a grandeza do assumpto, que não tenho nem forças, nem competencia para desenvolver.

O perito-contador

Saudo-vos, pois, no enthusiasmo, generico de minha palavra, augurando a todos actividade proficua a bem de cada um e em favor da Patria. Saudo-vos, na hora confiante em que, recebidos os ensinamentos indispensaveis ao triumpho profissional, ides ingressar na vida pratica — que é a escola da exacta sabedoria. E como quem, no extremo da amurada, em face do oceano alto, que se vae navegar por homens não affeitos ainda ao perigo e insidia das viagens, deseja, aos que partem, com votos augurales de mar bonança e tempo calmo, ventura e exito, permitto-me, tambem, neste momento de alegria da victoria e de magua da partida, dizer-vos algumas palavras experientes, que vim apanhando, como licção benefica, no soffrimento e na lucta pela vida.

Cumpre-me accentuar, que escolheste bem a profissão, não só attendendo-se-lhe á finalidade, como á influen-

zia, que exerce, sobre o espirito e o caracter. O exercicio della irmana os interesses individuaes com os da communitate, e em seu estylo, natureza e consequencia está uma norma pragmatica de educação pessoal.

Desenvolve no homem as qualidades positivas e aprimora, de par com a paciencia, a precisão, a habilidade manual, o espirito de ordem e o amor da exactidão, — o equilibrio moral na conducta, a honestidade nos prognosticos commercaes, a secretividade no tumulto dos negocios, o espirito acquisitivo, a modestia e prudencia nos planos e deliberações geraes.

A victoria do commercio tem a segurança na fidelidade professional dos peritos-contadores.

Se numa grande empresa o director é quem planeja e se aventura, representando o papel de timoneiro, vós sois o thermometro, que avisa, previne e conta o estado propicio ou hostil da athmosphera commercial.

Um é a audacia temperada com a experiencia. Outro a prudencia esclarecida pela sabedoria. Um é, mais ou menos, o jogo, o espirito de ganho. Outro, o numero, a verdade, o aviso e o senso.

Vossa sciencia é que deve estylizar e coordenar o espirito emprehendedor da empresa. Assim, não deveis só conhecer a fundo a profissão; cabe-vos possuir todos os elementos moraes que integram a pureza humana. A vida do guarda-livros é necessario que seja modelo de honestidade e extreme de todos os vicios. Muito sabiamente vigila os bancos a existencia ordinaria de seus contabilistas. Qualquer irregularidade externa reflecte-se no exito ou direcção do Banco.

Apprendeis cedo a dar á existencia sentido economico — e é unicamente este que constitue, em nossa época, o segredo dos triumphos no terreno pratico.

A natureza do officio escolhido por vós representa tambem, no Brasil, uma rectificação profunda ás normas usuaes de educação.

Os erros da educação

Os erros e vaidades da nobreza rural impregnaram o espirito do povo de prevenção contra o trabalho. A escravidão aggravou o mal. A propensão unanime para as funcções brilhantes e scenographicas conduziu e conduz ainda as melhores intelligencias para as profissões liberaes, que de certo modo substituiram, no transcurso do tempo, o amor autoctone pelos penduricalhos e titulos honorificos do tempo do Imperio, quando não são exercidas pelas verdadeiras vocações.

Parece que essas fascinações emotivas ou visuaes têm fundo indigena, por isso que os primeiros brancos a pisar a terra brasileira engodaram os indios com a pulha dos collares e das missangas. Em troca, dava-lhes o incola o ouro da terra e a liberdade pessoal.

Nosso criterio educacional segue, assim, o pendor decorativo e formalistico, processando-se fóra dos methodos do aperfeiçoamento humano. E' theatral, quando devia ser vital e fecundo.

Um de seus erros mais prejudiciaes é, pois, sua natureza romantica ou classica. Apresenta-se, portanto, como erro fundamental de orientação. E' uma educação de superficie, quando devera ser de profundidade.

Não é muito, pois, que numerosa parte de nossos grandes homens tenha sido de auto-didactas, como Machado de Assis e o Visconde de Mauá, para só exemplificar com as culminancias.

E' que não preparamos os jovens para vencerem na vida, mas para serem vencidos por ella. Cumpre adoptar justamente o criterio opposto, que é o unico efficiente.

Modificar radicalmente tal prejuizo atavico e historico é o trabalho essencial da intelligencia no Brasil. Talvez seja mesmo a grande obra politica a realizar, pois que nenhuma outra, do ponto de vista dos interesses economicos e moraes da Pátria, a supera em importancia e primazia.

Desse erro, herdado das raças de que nascemos e de seus prejuizos, é que decorre nossa usura economica, nossa pobreza descuidada, que consola a penuria geral com a falsa riqueza dos sonhos e com os devaneos compensadores da imaginação poetica. Os esplendores externos e prodigios mirificos da natureza accendem-nos o orgulho fatuo e accordam, do recalque de nosso subconsciente, as vãs espectativas de um futuro miraculoso.

Para estarmos á altura dos destinos da Patria, correos o dever de corrigir essa sensibilidade e essa concepção imaginifica.

O homem no Brasil deve ser, sobretudo, factor economico efficaz: deve ser realizador constructivo dentro das realidades brasileiras.

Para isso, a sua profissão convém que seja conjugada com os maximos interesses da Nação.

Um educador

Bemdigo as casas de ensino e educação como esta, que têm á sua frente, vencendo todos os obices e desvios mentaes, um homem patriota como Machado Sobrinho, que já deve estar com os braços cansados de remar contra a maré.

Desde os meus tempos de moço que o vejo a pelear quasi sozinho, clamando no deserto, exaurindo esforços no sentido de apagar erros e orientar a mocidade no bom caminho.

Enalteço, neste acto, o nome do glorioso professor de utilidades, cujo cabeça nobre está coroada pelas neves das decepções e dos trabalhos afanosos.

Pioneiro das boas causas, é uma das lidimas glorias do professorado mineiro. Saudo-o como a um forte e como a um bravo da cruzada patriótica na restauração moral e profissional do Brasil!

Sua missão, apesar dos tropeços innumerados, não tem sido inocua, ao contrario, já hoje se generaliza, entre as

élites patrias, a comprehensão das directrizes educativas adoptadas por elle.

A carreira commercial

A carreira commercial vae-se, aos poucos, redimindo da vista dos preconceitos ha pouco apontados. E é justo dizer que tal rehabilitação corre por conta, em boa parte, das difficuldades que asoberbam as carreiras ditas liberaes. E' que ella é apreciavel factor da prosperidade nacional.

As transformações por que tem passado são notaveis, sendo mesmo seguro indice da evolução cultural do Brasil.

Está hoje penetrada de espirito publico e as suas regras normativas estão se modificando de maneira profunda.

A technica commercial transformou-se e aperfeçoou-se sensivelmente. Romperam-se as retortas do carrancismo, e a ansia do ganho já não é a exclusiva preocupação do homem do commercio.

Em tal criterio, a meu ver, está a modificação mais profunda para a rehabilitação do commerciante. O erro substancial está sendo comprehendido: — o dinheiro, o ganho não representa o fito principal. O trabalho já o supplanta. O trabalho e o seu aperfeçoamento technico. Ford disse muito bem que em toda empresa o importante não é o lucro, são as condições particulares do trabalho. Assim, o lucro não é um fim, mas uma consequencia.

O paradoxo do grande genio industrial é exacto: — só ganha dinheiro quem não ambiciona unicamente ganhar-o. Explico-me.

O trabalho e o lucro

O lucro é o resultado do trabalho bem feito, com rigorosa economia nos methodos de produção e com o criterio do operario technico e productivo. O producto é que assegura a victoria nos mercados. Producto bom e barato representa

factor decisivo na lucta economica. Logo, o lucro é a consequencia.

Não se pode tambem no commercio actuar com estricto espirito egoistico. O dividendo ou lucro liquido não deve reverter em beneficio dos directores ou accionistas de uma empresa.

“Tres são os fins, diz um economista, a que se deve destinar um lucro: — em primeiro lugar, á empresa para conserval-a em progresso, sempre garantida e vigorosa; em segundo, aos operarios, de cuja cooperação surgiu este lucro; e, finalmente, á collectividade. Deve, pois, dar lucros aos tres socios: organizador, productor e comprador”.

Ahi está o rumo da victoria indiscutivel. E tambem uma norma de justiça social, capaz de prevenir as explicaveis e humanas reivindicacões das massas operarias.

O mal da industria, do commercio, de qualquer profissão é, antes de tudo, o egoismo que dita orientação contraproducente. A ganancia pelo lucro gera males irreparaveis e apaga, em todas as empresas, o espirito altruistico, o desejo de bem servir ao publico, o amor do trabalho perfeito e economico.

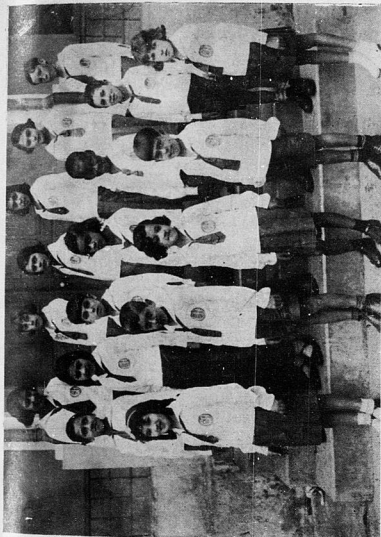
Qualquer aperfeiçoamento introduzido nos methodos de trabalho é feito em beneficio dos directores, quando cumpria ser em beneficio do publico.

Dahi, todos os problemas serem mal postos e, portanto, mal resolvidos. Dahi, o preço exorbitante da produção, o erro irremediavel dos maus salarios, as difficuldades nas vendas e o pergio das fallencias.

A má orientação geral leva qualquer industria ou genero de commercio ao isolamento e limitação, porque o espirito que o anima e orienta é egoistico, pessoal e estreito.

Ha idéa fixa do dinheiro e a prevenção contra o meio de obtel-o, que é o trabalho. Este fica sendo uma exploração do productor e uma imposição ou escravisação do operario. A liberdade operaria é um mytho, uma prerogativa legal sem execução. O salario minimo é uma economia con-

AS ACTIVIDADES EDUCATIVAS EM MINAS GERAES



Club de Hygiene do Grupo Escolar "Cel. José Helder", da Cidade de Piranga

traproducente que os dirigentes têm a illusão de alimentar como sendo factor de lucros e prosperidades.

Não ha estimulo, nem perspectivas para o operariado com este criterio apoucado e esteril.

E' certo, como assegura Henrique Ford, que só a empresa é que pode augmentar os salarios. E a prosperidade della provem muito dos operarios.

"Quando se exige de um homem que dedique o seu tempo e a sua energia a algum trabalho, é preciso estabelecer o seu salario de modo que não sinta nenhuma difficulda-de financeira". E que saiba que a sua unica segurança é a honestidade, a capacidade technica e a capacidade productiva em sua expressão maxima.

Um dos pontos principaes a rectificar entre nós é a rehabilitação do trabalho e a sua equitativa remuneração.

Deve-se saber que o patrão não paga o salario; elle, apenas, o distribue. O producto é que paga e o director somente dispõe as circumstancias de modo a fazer que o resultado chegue a dar bom salario ".

O trabalhador necessita estar convencido de que a economia da produção reverterá no seu e no beneficio do publico.

A rehabilitação do trabalho manual e technico apresenta duas faces: — a eficiencia e a perfeição, envolvendo o aspecto essencial de sua economia. O que urge é reformar a mentalidade. As reformas calcadas no sentimento de revolta — provindas de baixo para cima — exprimindo reivindicações violentas, trazem o defeito de origem e separam, pelos odios, as classes sociaes.

Os problemas de justiça social são postulados de educação. E' preciso reformar e reeducar o individuo, dar-lhe uma concepção realista de accordo com as leis do trabalho.

A mentalidade das elites conservadoras está crivada de erros, que acarretam todas essas conclusões.

Devemos fundar escolas que apanhem o cidadão desde a infancia e o acompanhem em todos os estagios, dando-lhe educação religiosa e instrução profissional pratica.

O homem vale como elemento moral e profissional, tendo-se ainda de encarar seu trabalho como o mais perfeito e economico.

Todas as circunstancias, condições e atmospheria que cercam a actividade humana no Brasil padecem dos defeitos da raça e das concepções egoistas e pessoas.

Transferimos para o legislador e para o governo a responsabilidade das reformas nesse estado de coisas, quando a culpa é das classes dirigentes, é tambem do povo e é, sobretudo, do individuo.

Nenhum homem em nossa terra tem maiores culpas nos erros correntes que o educador. E' preciso que elle saiba educar e eis ahi a unica orientação util e verdadeira.

Já notavel escriptor — Oswald — se viu na contingencia de definir o homem de genio como sendo aquella que se mostrou inapto para comprehender o ensino official.

A escola e os centros de preparação intellectual e profissional do cidadão não podem estar fóra das leis invariaveis da vida.

Além dos habitos atavicos e raciaes, temos que lutar contra factores especiaes que constituem serios tropeços ao nosso progresso.

Obstaculos ao progresso: tempo e espaço

Entre esses releva frizar o "tempo" e o "espaço", que se conjugam contra nossos esforços individuaes ou collectivos.

O commercio e a industria principalmente têm nelles os mais teimosos inimigos. Concorrem para os maiores desperdicios no rythmo da economia nacional. Isto provém de que somos paiz de immensuravel extensão territorial, aggravada pelos accidentes geographicos, que estorvam a inter-comunicação.

Nossa noção do tempo é, assim, brahmanica. Podemos colher exemplos de tal verdade até no subconsciente popular. Quem viaja, por exemplo, no interior, de todo em

todo que não se deve fiar das informações do sertanejo, quanto á distancia.

Si lhe perguntarmos onde fica tal sitio, elle nos esclarecerá que é — "alli, atraz do morro". Caminharemos o dia inteiro para vencermos esta pequena distancia, abrangida pela promessa illusoria do adverbio "alli"...

O gasto diario de tempo no meio rural é assombroso. Ninguém possui a intelligencia de tal desbarato, o unico irrecuperavel, aliás, para a actividade do homem.

Tempo perdido é labor desperdiçado.

A simplicidade secular desse axioma não commove, nem convence a pessoa alguma. E o homem, aqui, não gasta sómente o tempo, que é seu. Mas o do proximo.

Qualquer um poderá fazer experiencia do tempo que, diariamente, lhe é roubado pelo semelhante. A resenha de um dia de labor demonstrará as horas corridas por conta das pessoas com que se encontrou.

Levamos sempre o dobro do tempo necessario a fazer qualquer serviço. Nosso estylo é vagaroso e indolente. Nosso trabalho imperfeito e rudimentar.

O tempo, no entanto, é precioso factor de economia. E' a unica perda que o homem não póde sanar.

Quanto ao ponto de vista geral, as grandes distancias, para o movimento commercial e industrial, são alargadas pela carencia de transporte.

A tal respeito, o Brasil deve ser, pela sua propria natureza, o paiz do aeroplano, o admiravel instrumento que domina o espaço e o tempo — nossos inimigos poderosos.

A extensão de nossas costas maritimas e a de nossa massa continental estão indicando os caminhos a seguir: intensa e numerosa frota mercante e organização de transporte aéreo.

O aproveitamento da navegação fluvial, cuja efficaçia foi posta em evidencia no phenomeno das bandeiras, é outro recurso a ser adoptado.

A época da via ferrea já vae passando, principalmem-

te em paizes como o nosso, em que o preço de sua construção é verdadeiramente incalculavel.

Si fosse possível fazer o calculo do que poderia ser feito, por cada individuo, no espaço de tempo perdido, essa somma seria sufficiente para pagar, por exemplo, todas as dividas do Brasil.

Qualquer cidadão teria excellentes condições financeiras, si se pudesse realizar esta inversão: — a troca das horas perdidas pelas em que trabalhou.

Seria um espectáculo tão divertido, que espantaria a todo mundo. Quanta gente pobre que, num passe de magia, estaria millionaria !

E' preciso trabalhar, e trabalhar é poupar o tempo. E poupamos tudo — dinheiro, conforto, vestuario, instrumentos — mas não poupamos tempo.

Mas a economia do tempo não está só no trabalho. Está mais na intensidade, perfeição e honestidade delle. Inda mais: — no seu espirito altruista.

Só é rendoso e nobre, quando é fonte de prazer, quando não se tisma com ambições subalternas.

O exemplo da abelha

A mais bella lição de trabalho está na operosidade da abelha. A sua função é segredo da especie, e, assim, opera como uma força intelligente e sublimada da Natureza.

A consequência é a perfeição misteriosa do mel — que só ella poderá fabricar, por isso que não é o resultado do esforço de cada uma, mas, ao contrario, da raça, da especie, da colmeia.

Teremos ainda que vencer muitos enganos e dominar muitos desvios humanos, para podermos alcançar o estagio de civilização da raça das abelhas.

A abelha, socialmente falando, é muito mais civilizada do que o homem. Ella já resolveu, definitivamente, o problema social. Nós ainda nos debatemos no soffrimento

e na lucta sangrenta e não sabemos o dia da felicidade humana neste sentido.

Aconselharia, deste modo, que os sociologos, estudassem, para apprender, como fez Mauricio Maetterlinck, as leis que presidem e harmonizam a coexistencia das filhas do sol e da flôr.

Felicidade e trabalho

Por este exemplo retirado de um bello espectáculo da Natureza, vemos que a felicidade e a paz humana está na stricta obediencia ás leis do trabalho. E que, tambem, a maior parte dos males, promanam de sua transgressão.

E' demonstrar criterio realista considerar que o que produzimos reveste um caracter social e humano. O progresso e a estabilidade do mundo ahi têm a segurança e o fundamento. A bem dizer, não existe trabalho individual. Quanto fazemos com a habilidade das mãos e com a força transformadora da intelligencia está intimamente combinado com os esforços alheios. O mundo é orchestra de trabalho e o que executamos no isolamento do gabinete ou do deserto é uma nota afinada nesse concerto universal. Tal noção leva á conclusão de que não póde haver differença ou qualificação no labor humano. A nobreza ou excellencia da profissão está na consciencia moral com que a executamos.

Ha só um estalão para aferir a conceituação do individuo: — seu amor do trabalho. A sua pericia technica. A sua alegria no exercicio da actividade creadora.

O espirito de humanidade no trabalho

Quando se chega a executar com o mesmo espirito de humildade e de exactidão tanto um officio simples como uma missão elevada, tem-se attingido o segredo da felicidade e da grandeza.

Uma das mais empolgantes passagens das "Memórias" de Humberto de Campos é aquella em que diz ter soffrido e conhecido tudo na vida. Lavou garrafas vasiaas, sentado em um caixote, defronte de um tanque e, depois, foi deputado e membro proeminente da Academia Brasileira de Letras.

"Não obstante a humildade das funções, escreveu elle, eu as desempenhava com alegria. Porque, como já disse em outra parte, para mim, tanto me encanta sentar-me na minha cadeira de Academico, forrada de velludo azul com frisos de ouro, como em um caixote de madeira, junto a um tanque, lavando garrafas. O que me seduz é a actividade, é o trabalho, a occupação das mãos e do espirito. Eu sou como aquelle velho general Adamoff, da novella "O Setimo Companheiro", de Boris Lavreneff, o qual não via nenhuma differença entre sua poltrona de professor da Academia Militar de Moscou, da qual fôra director no Imperio, e a piscina do banheiro de quartel em que, com a victoria da Revolução, passou a lavar as calças dos soldados".

Orgulho-me, senhores, de ser filho de um homem — Antonio Pereira de Mattos — que começou a vida como caixeiro-varredor em uma casa commercial do Rio e que, pelo espirito de operosidade silenciosa, galgou todos os postos, vindo a dirigir a firma Mattos, Fernando Vizeu & Comp.

Havendo perdido tudo o que amealhara, sendo eu muito creança, eu o vi, de martello em punho, no interior do Estado, a assentar uma turbina, para recommençar a existencia de novo.

Uma das recordações mais amaveis e confortadoras que me animam de vez em quando são as que guardo tambem na memoria desta generosa cidade de Juiz de Fôra.

Iniciei minha vida aqui como "reporter" e foi quando recebi as maiores homenagens publicas de minha vida. Isto me encoraja, mas engrandece a vossa cidade, porque Juiz de Fôra premeia e glorifica os que trabalham.

A unidade dos esforços humanos

Quem já conheceu as faces varias da vida, compreende e aquilata a egualdade de todo genero de esforço. Aliás, qualquer exemplo dilucida tal verdade.

Si acompanharmos a consequencia e a diffusão do labor mais elevado — que é o do pensamento — vemos que o escriptor fixa no papel as suas idéas e imagens. O ferreiro tempera o ferro e o aço para os typos. O industrial fabrica a linotypo. O linotypista toca, com os dedos ageis, a orchestra crescente dessas theorias. O fabricante de papel fornece o campo de sua fixação. O revisor cata os erros. A electricidade dá a força para mover a rotativa.

O distribuidor manda a folha pelo correio, o speaker pelo Radio, o telegraphista pelo telegrapho e, dentro das cidades, os pequenos vendedores gritam o pregão, que chama leitores retardatarios nas ruas mortas e silentes:

—A Noite... O Glóóóbo...

O que é indispensavel é cercar de garantias, respeito e estimulo o trabalho.

A sociedade é feita de acções e reacções. Nada mais revoltante do que a injustiça de humilhar os que, acurvados sobre si mesmos, empregam as mãos ou o espirito em qualquer actividade.

E' de toda conveniencia tratar com deferencia o trabalhador. Do contrario, a reacção individual ou collectiva se trava de uma revolta santa.

O mesmo escriptor que ha pouco citei nos conta dois factos interessantes quanto a esta particularidade.

Caixeiro em certa casa commercial em Pernambuco, era maltratado pelo gerente.

Toda vez que este, á noite, em conversa com os freguezes, lhe ordenava trouxesse um copo de agua, elle ia á torneira, enchia o copo, cuspiam-lhe dentro e entregava-o ao freguez. Este o esvasiava com volupia.

Mudando de emprego, encontrou patrão generoso e bom. Havendo-o mandado, certa vez, ao porto buscar uma

partida de saccas de farinha, Humberto de Campos verificou que se tratava de um sacco só. Raciocinou assim:

— Devo poupar o dinheiro ao patrão. Não ha necessidade de uma carroça. Assim pensando, poz o sacco de farinha ás costas e lá o foi conduzindo pelas ruas da cidade com destino ao armazem.

Esse acto pôde ser comparado, em sua belleza moral, aos versos a São Francisco de Assis, que Humberto escreveu e que são um dos seus mais lindos poemas.

Ambos nasceram da fonte inexaurivel da bondade humana.

Honra ao trabalhador

Honra, pois, ao trabalhador, que no mesmo rythmo confunde os seus com os interesses da Patria e que, ou no trabalho rude ou na cathedra professoral, ou na missão politica ou apostolica, mantem o espirito igual, paciente, equanime e evangelico, comendo o pão com o suor de seu rosto.

Esta é festa de trabalhadores, que celebra a victoria do labor academico de moços que já puliram os instrumentos com que vão para os trabalhos da vida.

Eu vos saudo como vosso paranymphe e ora tambem como vosso companheiro no esforço commum, que todos desenvolvemos em nosso beneficio e no serviço permanente do progresso do Brasil.

Trabalhadores de amanhã! Jovens patriotas! a vida vos espera. Vae começar a escalada gloriosa nos caminhos incertos e difficeis da existencia. Ide e vencei, é o que vos diz o operario da penna, que distinguistes com a honra de ser o vosso conselheiro nesta hora.

Saudo-vos!

MARIO MATTOS

CONSELHOS DA SAUDE PUBLICA

Advertencia util

O excesso de doces, balas e pastelarias é inconveniente ao organismo: tomam o logar dos alimentos mais uteis e tiram o appetite. — IPES.

A composição nas escolas primarias

Costantino MAGLIULO

Recordo a escola dos meus tempos — ha vinte annos — e meus labios se entreabem num sorriso. Um sorriso de pezar e de amargura que me opprime o coração.

Uma grande sala de escola de aldeia, arrumada do melhor modo possivel, na qual estudam diariamente trinta moleques que comparecem ás aulas sempre um pouco acalorados pelas corridas e brinquedos atravez dos caminhos, animados, contentes, em pleno desabrochar da vida.

A professora, querida e bôa imagem da minha professora: uma grande quantidade de cabelos escuros emoldurando um rosto branco marfino no qual scintillam dois grandes olhos que parecem sempre humedecidos pelo pranto.

Ella é a bondade personificada; tem para commosco todos os cuidados affectuosos de mãe, mas ás vezes, quando lhe causamos aborrecimentos, sua voz doce torna-se, ao reprehender-nos, aspera e cotridente.

Ensina com empenho e com escrupulo não trasgredindo, em ponto algum, as prescripções e recommendações dos regulamentos.

Talvez seja por isso que algumas vezes o seu modo de ensinar não toque nossa alma, nem atinja nossa comprehensão.

E' um dia de luz e de calor, e na aula se faz composição.

Antes de chegar á escola, fui, com alguns collegas, tomar banho num regato pouco distante do povoado. Por este motivo, logo que a mestra nos voltou as costas, fizemos signaes repetindo os gestos largos do nado.

Oh, como escreveria de baõ vontade tudo que fiz durante a manhã!

Mas a professora lança no quadro negro o thema:

"Pedrinho veiu á escola chorando. Por que?"

Que importancia tinha para nós aquelle Pedrinho, cruz e tormento nosso, pelo seu comportamento sempre correcto e conduta sempre exemplar, monotono, lacrimoso por todas as infelicidades humanas, generoso como um pequeno Deus, enfadonho, petulante por suas sabias e vequenas predicas feitas a todos os companheiros *desviados*?...

Si eu houvesse encontrado, na vida real, um menino semelhante, tel-o-ia, de bom grado, pegado a soccos.

Apezar de tudo, precisava escrever sobre Pedrinho, *"filho de paes pobres, mas honestos, frequentando o terceiro anno, repartia, a caminho da escola, infallivelmente, a merenda com o primeiro cego que encontrasse. Nunca rasgava as calças, nem atirava pedra aos cães, nem queimava os bigotes dos gats, etc., etc."*

"Pedrinho esta manhã chegou á escola chorando. Por que?"

Apanhou de sua mãe, penso eu. Teria roubado algum doce na dispensa, áquelles gostosos, com chocolate e creme...

Assim suggere minha logica infantil, e assim escrevo. Deixo-me transportar pela phantasia e componho a breve historia com detalhes edificantes a respeito da conducta do nosso heróe á força. Penso haver escripto uma pequena obra prima... e a apresento á professora para ganhar um elogio carinhoso. Mas, valha-nos Deus!

— "Como, roubar?... Um menino ajuizado roubar?... Mal, mal, mal..."

Desse modo me admoesta a professora, emquanto um grande traço vermelho rabisca minha infeliz paginazinha.

Será necessario tornar-me hypocrita, si desejo fazer boa figura. E, num impeto de repulsão instinctiva, volto ao logar e torno a escrever a composição em que o inefavel Pedrinho *"vem á escola chorando porque se commoveu ao ver um burro cahido debaixo dos pesados varaes de uma carroça"*.

Pietrinismo

Assim foi definida a epoca em que na escola faltava qualquer hausto de vida. Má escola, maus livros, maus methodos. Era a escravidão da alma infantil, ansiosa de expansão, de liberdade.

Na Italia, com a reforma Gentile, que começou a vigorar em 1923, foi abolido todo e qualquer artificio que desvirtuasse o ensino. A didactica applicada na reforma dá ampla liberdade ao mestre afim de achar o meio melhor e mais efficaz para o desenvolvimento dos programmas estabelecidos pelo governo. E o professor intelligente, o professor culto e bom; que sabe transformar-se em creança para estudar as difficuldades da alma dos alumnos que lhe são confiados, pôde facilmente encontrar os meios para se fazer amar e comprehender pelos discipulos, conseguindo que todos, sob sua habil direcção, achem, sozinhos, o caminho para a formação integra e perfeita de sua personalidade.

Os exercicio de composição na Italia excluem actualmentem todo o trabalho que não encontre a propria origem na verdadeira vida do menino.

Phantasia, nós, povos latinos, temos muita, até de mais, ao ponto de nos transportarmos ás nuvens, creando um mundo absolutamente irreal. O que nos falta é a observação, a reflexão, o meio de explorar opportunamente a

curiosidade innata na creança a respeito de tudo e de todo acontecimento que a attinja, de modo a valer-nos de toda a limpida torrente de imaginação que agita e commove a alma infantil.

O mestre que exige silencio do alumno quando este deseja contar-lhe alguma coisa, comette um erro gravissimo. Interpõe uma nuvem opaca ao sol ansioso por manifestar-se, por brilhar.

Um genero de composição que dá optimos resultados, quando a personalidade do mestre saiba não se intrometer para falsificar a espontaneidade, é o diário.

Diario da vida da escola, no qual o alumno conta, com clara vivacidade, tudo o que vê, observa, pensa e faz.

Eis um diário escripto por um alumno da minha classe, tirado, ao acaso, entre muitos:

"Esta manhã tomei banho. Mamãe me poz com meus irmãozinhos dentro de uma tina cheia d'agua e com sabão nos esfregava muito, muito.

De vez em quando o sabão escorregava-lhe das mãos e nós nos punhamos a procural-o. Devertimo-nos muito. Eu esguichava agua no rosto de meus irmãozinhos, mas depois o menor se poz a chorar e mamãe me deu um beliscão.

Gosto muito de tomar banho, mas não desejaria tomal-o na tina e sim no mar que é grande e perfumado como o perfume do barbeiro".

Eis outros pensamentos colhidos em outros diários:

Um menino foi á egreja assistir a um baptisado e observa:

"Porque puzeram sal na bocca do pequeno?... O sal é amargo e é sabido que as creanças gostam somente de tudo que é doce".

Um outro commenta com grande tristeza:

"Meu pae é pobre, e por isso pode fazer a barba só uma vez por semana. Quando elle está com a barba grande parece muito triste e me causa pena.

Assim que eu for grande darei dinheiro a meu pae e si não o possuid farei em mesmo sua barba com *costellettas* compridas que são as mais bellas".

Não faço commentarios. Prefiro uma paginazinha dessas a uma longa e vasia composição, amontoado de falsidades e hypocrisias.

O diário pode ser feito até no primeiro anno. Logo que a creança tenha capacidade para escrever um pensamento proprio, fal-o com grande prazer e, portanto, grande proveito.

Mas — e aqui intendamo-nos bem — o diário deve ser uma composição espontanea, isto é, feita pelo alumno somente quando elle tem necessidade, quando o seu proprio interesse é que o leva a dizer o que pensa.

Si nós, ao envés, o forçamos a escrever quando elle não o deseja, corremos o risco de conseguirmos cousas frias, monotonas, insipidas, além de commettermos um erro de *lesa-psychologia infantil*".

"Mas os nossos meninos não escreveriam cousa alguma, jamais!"

Pois bem, admittamos que isto seja verdade. Mas, neste caso, o erro está na educação anterior da creança, a quem foi roubado todo o espirito de iniciativa e de espontaneidade, a quem nunca se deu oportunidade para andar com seus pés, nem falar com a sua bocca. E, então, será necessario um trabalho de reeducação, que leve a creança a reconquistar-se a si mesma.

COSTANTINO MAGLIULO

CONSELHOS DA SAUDE PUBLICA

Advertencia necessaria

O uso quasi exclusivo de carne, arroz, feijão, farinha, batatas e doces é um grande erro em materia de nutrição. Substituem-se, em parte, estes alimentos pelo leite, verduras, frutas e ovos. — IPES.

A evolução da creança

Affonso dos SANTOS

a) as theorias unilateraes são incompletas; b) razão da simplicidade dessas doutrinas; c) a evolução psychologica e as leis geraes e peculiares aos seres vivos; c) correlação entre as funções e as necessidades da creança; e) marcha do processo evolutivo.

Accentuamos mais uma vez, reatando nossas considerações sobre o assumpto: é muito complexo o mecanismo da evolução da creança.

Sua dynamica não poderia explicar-se mediante uma lei isolada.

Reclama a intervenção de um feixe de leis, cada qual mais importante.

No desprezo desta verdade residem as falhas de muitos sistemas educativos, as deficiencias irremediaveis de varias theorias, que ambicionam explicar a marcha gradativa do evoluer psychologico do ser humano.

Resulta que as diversas doutrinas, que analysamos, sem que sejam erradas, são incompletas, unilateraes, insufficientes.

Fiscalizam uma face do problema, acompanham uma direcção da caminhada, isolam forças convergentes, que se completam e auxiliam.

São explicações simplistas.

A theoria de Rousseau, por exemplo, considera apenas a espontaneidade da evolução da creança.

Hypertrophía a actividade voluntaria do ser humano.

Despresa as influencias do meio educativo, reduzindo

a pedagogia a mera função protectora do expandir normal das facultades do alumno.

É unilateral, incompleta, simples demais...

Como se explica essa simplicidade de tantas theorias, que procuram sondar a genese da evolução infantil?

Homens intelligentes, verdadeiros genios, sem a observação completa da creança, confinaram-se na torre de marfim de syntheses percuidas.

Ficaram nos dominios da abstracção, detidos e acorrentados no campo do *a priori*.

Havendo engendrado uma theoria, desenvolveram-na systematicamente.

A ella sujeitaram os actos humanos, como em um leito de Procutus.

Outros observaram. Debruçaram-se maravilhados sobre esse assombroso engenho, que é o ser humano.

Seus olhares percucientes, suas visadas aquilinas apanharam logo um feixe de raios luminosos.

E deslumburaram-se sob a influencia de seu poder de illuminação.

Presos nas malhas de seu poder magnifico de simplicidade logica, reduziram tudo á influencia de sua dinamica poderosa.

Outras vezes, decidiu soberanamente a seducção de uma theoria já feita.

Nas provincias da biologia, no vasto scenario da historia da civilização, encontraram uma estrada ampla, por onde perpassassem os comparsas do drama social.

Acumularam ahi todos os phenomenos da actividade humana, pretendendo encaminhar as ondas do pensamento por onde subiam as seivas brutas em elaboracção, orientando as sociedades humanas pelos processos com que se aperfeiçoam as familias animaes...

A evolução psychologica do ser humano obedece a

leis geraes, communs a toda a especie, e a canones especiaes, peculiars a cada ser.

Particularizemos mais o nosso pensamento: I) ha a parte animal ao lado da espirital; II) ha o individuo ao lado da especie.

As exigencias biologicas não devem fazer esquecer as necessidades espirituas; porque a materia lateja onde palpa a alma immortal.

Em meio as caracteristicas, que enformam o grupo humano, havemos de distinguir as singularidades, que personalizam um determinado membro da communhão social.

Consequencias: I) Educação não é simplesmente criação animal. O biologo, o higienista, o medico, não dispensam a psychologo, o mestre, o sacerdote, em materia de educação; porque educar uma creança não é a mesma cousa que aperfeiçoar um cachorrinho.

II) Os cuidados com o grupo, a turma, que se está educando, não dispensam o carinho com a creança isolada, que se deve distinguir no meio da classe.

Os traços largos do desenvolvimento psychologico, accentua Vaissière, são identicas em todas as pessoas; apresentam, entretanto, nuanças diversas.

Ha, desde a infancia, notaveis differenças no modo de corresponder ás excitações identicas. E' de accordo com uma natuerza identica para todos os homens, que a creança elabora os dados do meio que a envolve.

Ella o faz, entretanto, consoante aptidões pessoasas.

No mesmo estado de desenvolvimento, são, pois as creanças suceptiveis de uma educação commum. A submissão de um certo numero de creanças a uma classe determinada, nunca poderia induzir o esquecimento por parte do educador de velar pelas necessidades e aptidões pessoasas de cada alumno.

Uma segunda lei de evolução da creança é a da correlação entre as funcções psychologicas e as necessidades do ser humano.

As funcções psychologicas desenvolvem-se gradativamente, em relação intima com as necessidades da existencia da creança.

E' uma lei providencial.

O nosso organismo encerra virtualidades, que correspondem ás exigencias de seu funcionamento; uma teleologia admiravel preside ao mechanismo e ao funcionamento das actividades dos seres vivos.

As harmonias da criação sempre despertaram a admiração dos sabios, philosophos e pensadores.

O mesmo acontece no mundo moral.

No ponto de vista psychologico, a creança possui germens das actividades que serão desenvolvidas, mais tarde, gradativamente, ao rythmo das exigencias do meio civilizado, em que terá de agir.

Verifica-se uma verdadeira adaptação psychologica.

Em consequencia, são as funcções psychologicas primitivas, mais essenciaes, muito mais differenciadas de que as funcções posteriores, menos essenciaes.

Assim, exemplifica Vaissière, a creança discerne as relações de espaço antes das de tempo.

Por isso, são necesarios grandes cuidados na escolha da serieção dos conhecimentos scientificos, que devem ser ministrados aos alumnos.

Porque a creança aprenderá, com mais facilidade, aquillo que venha satisfazer as necessidades naturaes á sua idade e desenvolvimento.

E teremos de passar á outra lei: a dos diversos estadios das funcções psychologicas.

Em primeiro lugar, essa evolução é especificamente determinada. Temos que acompanhar, ao mesmo tempo, a marcha de funcções diversas: attenção, observação, memoria, etc.

Em segundo lugar, nesse desenvolvimento, as funcções guardam uma dependencia reciproca. Desenvolvem-se ajudando-se mutuamente.

Temos de cuidar de todas ellas, e nas relações intimas que conservam uma com outras.

Resalto aqui o erro daquelles que são contrarios ao desenvolvimento da memoria nas creanças. Querem combatel-a, em beneficio do raciocínio e de outras funcções.

O que fazem é quebrar a harmonia do processo evolutivo e prejudicar o alumno.

Finalmente, muitas vezes nos distrahimos, communicando a mesma velocidade ás actividades escolares, mantendo, nas differentes epochas da vida da creança, a mesma intensidade em nossos processos de ensinar.

E' uma falta grave.

A marcha da evolução psychologica é como a corporal: não é continua em sua velocidade. Ora processa-se lentamente; tem periodos de acalmia; ora admite avanços, como que verdadeiros saltos em seu desenvolvimento.

A acção educativa tem de condicionar-se a essa lei.

Nas diversas edades, principalmente nos periodos caracteristicos da evolução da creança, o ensino tem de accommodar-se ás diversas circumstancias, ora caminhando mais apressado, ora detendo a sua marcha cautelosamente.

E' como um viajante, que percorre uma região de topographia variada.

A sua marcha desenvolve-se facilmente na planície; nas montanhas e desfilieiros é mais vagarosa e tardia.

Muitas vezes, após jornadas longas, o viajor detem-se á sombra de um carvalho, ou junto a uma fonte de aguas crystallinas. Descança para empregar novas caminhadas.

Tambem o adolescente tem, em seu desenvolvimento physico e moral, periodos de avanços e de caminhadas longas; mas tem epochas de descanso e de surda elaboração de energias, em que deve repousar e haurir novas forças, como o caminheiro á sombra das arvores verdejantes, ou ao pé das aguas reconfortadoras...

AFFONSO DOS SANTOS

A função das bibliothecas escolares

Abel FAGUNDES

Largo movimento se tem feito entre nós em prol das bibliothecas escolares. Livros para uso de professores e livros para uso de creanças, têm vindo, a partir da reforma do ensino, dar ás escolas mineiras um novo e effizaz instrumento de incremento cultural.

No momento presente, o livro é realmente precioso auxiliar de todos os individuos. Seja enchendo as horas de lazer com as narrações de aventuras e viagens, contos, novelas, biographias; seja solucionando os problemas do scientista, do professor, do jornalista, do agricultor, do operario, o livro assumiu na vida moderna uma função notavel.

E a escola, — a agencia de preparação para a vida — teve de dar ao livro um logar de destaque entre os factores educativos.

Em muitos estabelecimentos escolares, além da bibliotheca central, os clubs de leitura criam bibliothecas proprias, installadas nas salas de trabalho, o que, além de pôl-os mais ao alcance dos consulentes, tem a vantagem consideravel de interessar os pequenos pela obra bibliothecaria. Assim, ao envez de ser um objecto de luxo, que se manuseia em horas prefixadas, o livro é uma fonte de informações sempre ao alcance da mão, a que se recorre, como na vida real, sempre que haja uma duvida a elucidar, um problema a resolver.

Comquanto seja innegavel a benefica influencia que o livro já vem exercendo na obra educativa mineira, parecemos que ha um aspecto das bibliothecas que não foi considerado ainda entre nós.

Refiro-me á obra educativa complementar que ellas

estão naturalmente indicadas para realizar, seja relativamente aos próprios alumnos da escola, fóra de seu horario de trabalho, seja relativamente áquelles que já concluíram o curso elementar e interrompem de improviso sua escolaridade.

Quanto aos primeiros, principalmente, a escola tem o indeclinavel dever de dar-lhes todas as oportunidades de obterem de seu estagio escolar o maximo aproveitamento, já augmentando a efficiencia de seu trabalho normal, já extendendo-o quanto possivel, no sentido de furtao o educando a todas as influencias nocivas á sua formação.

Chamal-o, portanto, ao educandario, e fazel-o trabalhar para se enriquecer de cultura, ampliando os conhecimentos estrictamente escolares, e ao mesmo tempo habituando-o a supprir sua pobreza intellectual á custa de seu proprio esforço, é, para a escola, obrigação inilludível imposta pela sua propria necessidade de sobrevivencia.

Para tanto, porém, se requer que as bibliothecas renovem de tempos em tempos o seu material, adequando-o sempre ás possibilidades, necessidades e conveniencias daquelles a quem se destina. E isso solicita, além do trabalho da propria escola, o auxilio dos proprios beneficiarios e tambem das administrações municipaes.

Faz-se preciso, ainda, que os institutos disponham, para a bibliotheca, de uma sala modesta, discreta e agradavelmente mobiliada e ornamentada, de fórmula a constituir por si só um convite aos seus frequentadores.

Sobretudo, faz-se necessario o factor humano. O professor bibliothecario ha de ser um educador completo, conhecedor da marcha do desenvolvimento psychologico, explorador habil das camadas emocionaes da creança, capaz, portanto, de receitar livros com a segurança de um medico... se é que os medicos a têm...

Quando a escola tiver ampliado, assim, a sua obra bibliothecaria, terá, concomitantemente, multiplicado sensivelmente sua potencialidade educativa.

ABEL FAGUNDES

O amparo do pequeno jornaleiro

Helena ANTIPOFF

(Directora do Laboratorio de Psychologia da Escola de Aperfeiçoamento)

Do jogo espontaneo e primitivo da infancia ao trabalho livre e creador do adulto ha uma longa fila de estados intermediarios, determinando a evolução complexa da actividade humana.

Todos sahindo do mesmo ponto inicial, nem todos chegam ao final, uns por falta de aptidões natas; outros por falta de educação que não orientou o individuo para as fórmulas superiores do passa-tempo; outros, emfim, por falta de sorte, impedidos no seu percurso por difficuldades economicas, e obrigados a parar nos degraus inferiores do labor.

Os que herdaram aptidões regulares ou boas — a educação e a assistencia devem ajudar para tornal-os homens adultos, em toda amplitude da palavra.

O homem adulto é precisamente aquelle que chegou ao nivel alto das actividades — ao *trabalho*.

“Trabalhar é esforçar-se para produzir de tal modo que a realização do desejo seja subordinada ás exigencias da realidade objectiva, exigencias que implicam uma espera, um encadeamento de passos, ás vezes penosos para elles mesmos, mas que *um fim nitidamente percebido guia e controla.*” — (Claparède).

O trabalho assim comprehendido não se encontra nem no anormal, nem no escravo, nem na creança, nem no ser que não chegou a certo degrau de desenvolvimento mental, nem no demente, nem no criminoso. Apesar de todos elles frequentemente fornecerem grandes esforços, as suas activi-

dades são incompletas e não chegam a constituir o trabalho humano integral, onde as exigências e tendências do individuo se harmonizam com o ambiente social, e onde o esforço e a obra feita serve um fim de caracter moral.

Quando é que a creança é capaz de trabalhar? E' difficil de contar com isso antes de 12-14 annos. As interessantes observações de R. Cosinet e de seus collaboradores sobre o trabalho livre de creanças, organizadas espontaneamente em grupos para fins escolares, mostram como é pueril ainda a creança de 9-10 annos. Só se approximando de 12-13 annos é que apparecem nestas actividades attributos essenciaes do trabalho, como a iniciativa, o sentido de responsabilidade, a perseverança, a tendencia a attingar a perfeição. a divisão efficiente do trabalho entre membros de um grupo, a solidariedade, mutuo auxilio, abnegação pessoal, em proveito da collectividade, reconhecimento do merito alheio, respeito...

A escola activa, hoje em dia, com a orientação practica de preparar individuos aptos á vida social, utiliza methodos dynamicos para formação da personalidade do alumno e fornece á creança numerosas oportunidades para ensinar-lhe a *trabalhar*. Quanto mais tempo a creança permanecer neste laboratorio, nesta officina escolar, tanto mais poderemos esperar do seu futuro.

A escola é sagrada para a infancia, e é do dever da sociedade vigiar a sua frequencia. Os Codigos em vigor, na maioria dos paizes, possuem leis severas a respeito da obrigatoriedade do ensino, determinando-o até 12, 14 ou mesmo 15 annos. Nota-se actualmente uma tendencia a augmentar ainda a idade, como se vê na Inglaterra e em certos cantões da Suissa. Uma das razões dessa medida é o combate do "chômage". Procurando os meios de diminuir o exercito assustador dos "sem trabalho", a legislação obriga o adolescente a frequentar a escola, impedindo assim que elle se empregasse, occupando o logar dos mais edosos. Esta ansia de prevenir a crise economica serve de melhor garantia á obrigatoriedade do ensino.

Nos paizes onde o "chômage" é por assim dizer inexistente, vêem-se milhares de creanças, ás vezes bem novas, empregadas nas mais variadas occupações, na industria, no commercio, na agricultura, na imprensa, em casas de diversões, — na rua como em casa, no campo como na officina, em toda parte sentimos o suor do corpo fragil da creança que abundantemente ella segrega no seu generoso esforço de collaborar na obra humana.

Que orgulho deve encher o coração do pae vendo o filho trabalhar, forte e capaz! Mas ai do pae que esquece ás vezes que nem todo trabalho é bom, que nem todo esforço é compativel com a idade. Não é espontaneamente que a maioria das creanças labuta, nem é livre a escolha da occupação, á qual as creanças se entregam pela imposição dos paes, muitas vezes ignorantes e brutos ou impellidos pela cega necessidade.

Não ha mais de um seculo que o trabalho do menor ficou amparado pelas leis, prevenindo a innominada exploração a que se sujeitava a creança sem resistencia possivel. Jules Simon descreveu scenas deveras monstruosas no seu celebre "L'ouvrier de huit ans". Hoje, a maioria dos paizes regulamenta o trabalho da creança, na preoccupação de salvaguardar assim a sua saude, physica e moral: limita o horario, impede as occupações de noite, prohibe a participação nas industrias insalubres, tanto para o corpo como para a alma, garante o ensino...

Assim é que, no Brasil, o Codigo de Menores limita o trabalho do menor a 6 horas, interrompido por varios repouso; prohibe o trabalho nocturno, impedindo que elle seja occupado das 7 horas da noite ás 5 da manhã; prohibe o emprego em trabalhos pesados e perigosos, etc... Com relação ao ensino, diz o Codigo de Menores (1927) o seguinte:

"Art. 101. E' prohibido em todo o territorio da Republica o trabalho aos menores de 12 annos.

Art. 103, paragrapho 3.º. Todavia, os menores providos de certificados de estudos primarios, pelo menos do

curso elementar, podem ser empregados a partir de 12 annos.

Art. 102. Igualmente não se pôde occupar a menores desta idade que contem menos de 14 annos, e que não tenham completado sua instrução primaria. Todavia, a autoridade competente poderá autorizar o trabalho destes quando o considere indispensavel para subsistencia dos mesmos ou de seus paes ou irmãos, contanto que recebam a instrução escolar que lhes seja possivel".

Como se vê, as leis brasileiras procuram garantir a saude da creança, oppõem-se ao analfabetismo e á exploração. Infelizmente são obrigadas a capitular deante da miseria, deixando o passo á tolerancia, contanto que a occupação não prejudique ao menor.

Em Minas, as leis são tão humanas como no resto do Brasil. O que falta talvez aqui, como no resto do mundo, provavelmente, é a boa observação destas leis, pois nota-se uma fiscalização insufficiente, tanto no dominio do proprio trabalho, como no da frequencia escolar do pequeno trabalhador. Basta inquerir uma meia centena de creanças empregadas e veremos que muitos delles não cumpriram a lei da escolaridade.

O mesmo notaremos, considerando uma outra fonte de informações — a estatistica escolar. Sobre uma matricula de 318.292 creanças em Minas, de 1931 — a frequencia atingiu apenas 75 %. A maioria destes infrequentes é geralmente occupada em varios serviços domesticos e outros. Os numeros tornam-se mais expressivos ainda se considerarmos que só 20.614 creanças concluem o curso, ou seja 8,6% sobre a frequencia e 6,5% sobre a matricula, ao envez de 25% para o magro curso de 4 annos das escolas urbanas, e mais ou menos 33% para o curso de 3 annos das escolas ruraes.

A escola publica primaria é cousa sagrada para a creança, é a sua necessidade a mais intrinseca e seu direito mais legitimo. E' mister, para o bem do paiz, levantar o nivel escolar, agindo sobre todos os factores que impedem o seu levantamento. Como frequentemente a escolaridade é preju-

dicada pelas occupações, do ganha-pão dos menores, somos obrigados a amparar a creança neste sentido, auxiliando os poderes publicos a fiscalizar uns e outros. E' preciso intervir com geito junto aos paes ou ás empresas que occupam menores, procurando tornar os horarios mais compatíveis com os da escola.

A Associação de Assistencia ao Pequeno Jornaleiro (sob o nome jornaleiro entende-se todo menor, empregado em qualquer trabalho remunerado, quer seja elle domestico, agricola, commercial ou industrial), fundada ha pouco tempo em Bello Horizonte, incumbiu-se deste auxilio, offerecendo seus serviços ao bem da creança empregada.

Aqui vão seus estatutos quanto a seus fins e funcionamento:

Art. 1.º Fica instituida em Bello Horizonte, sob a denominação A. A. P. J., uma associação civil, destinada a proteger e assistir os menores occupados em qualquer trabalho, domestico, agricola, commercial, industrial, etc., que necessitam de amparo material e moral.

Art. 2.º Esta assistencia será assegurada pelos seguintes meios:

a) auxiliar os poderes publicos na assistencia aos menores trabalhadores, offerecendo-lhes abrigos nocturnos para o somno;

b) auxiliar os poderes publicos na assistencia aos menores, proporcionando-lhes ambiente proprio para cultura intellectual e educação social, civica e religiosa;

c) auxiliar os poderes publicos na fiscalização do trabalho dos menores empregados, afim de que elles não sejam prejudicados em sua saude physica e moral;

d) esforçar-se na orientação profissional do menor, procurando trabalhos proprios ao seu sexo, idade, forças e aptidões.

Como se pôde notar, a A. A. P. J. não é apenas uma instituição de mera caridade e altruismo que se preocupa

apenas com o dia de hoje, e limita-se a mascarar as apparencias da realidade miseravel; pelo contrario, seu maior intuito é o problema do saneamento futuro e do bem-estar do paiz, pois a boa regulamentação do trabalho profissional e a assistencia racional ao trabalhador representam um meio seguro do progresso social. A assistencia ao trabalhador adolescente é dever que se impõe á sociedade.

HELENA ANTIPOFF

Sociedade Pestalozzi

Consultorio Medico-Pedagogico

*Para creanças retardadas, nervosas,
com perturbações da linguagem,
surdas-mudas, com defeitos de character,
anomalias de crescimento, etc.*

As segundas e quartas-feiras de 8 ás 11 horas

Rua Rio de Janeiro, 451

Bello Horizonte

Gratuito para creanças pobres

A Educação Physica tratada em Congresso

Renato Eloy de ANDRADE
(Inspector Geral de Educação Physica)

A Associação Brasileira de Educação resolveu, com muita oportunidade, dedicar o seu Congresso deste anno, a realizar-se em junho proximo, ao estudo da Educação Physica, encarada sob certos dos seus aspectos que entre nós, apesar do pouco que temos em realização na esphera dessa importante actividade socio-educativa, já constituem objectivos de estudos.

Ha muito tempo já que a Educação Physica está inscripta em nossos programmas de ensino mais ou menos como ornamento.

Algumas vezes por falta de meios, outras por falta de comprehensão exacta dos seus valores, ella vem ficando assim relegada a um canto, e só apparece para ser exhibida nos dias de festas como curiosidade da velha Hellade, que faz lembrar que "um dos patriarchas do pensamento grego, e por certo, um dos mais fecundos philosophos que a humanidade tem produzido — Platão — foi um athleta notavel porque praticava a Educação Physica, e que, por isso, duas vezes arrebatou a palma da victoria nos jogos Olympicos".

Não vêm ao caso os titulos de ornamento dos programmas de ensino. O que forçosamente interessará ao Congresso é a quebra do indifferentismo em que se encontra a Educação Physica na vida do nosso systema educacional e a assistencia ás realizações que já se esboçam e que, por falta de amparo, se estão resentindo da falta de directrizes technicas e de objectivos definidos.

Para collimar seus propositos, a A. B. E. distribuiu os seguintes temas:

- 1) — Educação Physica na escola primaria.
- 2) — Educação Physica na escola secundaria.
- 3) — A organização dos institutos de escolas de Educação Physica, bem como a Educação Physica nas escolas normaes.
- 4) — A organização dos serviços administrativos de Educação Physica.
- 5) — As bases scientificas da Educação Physica.

São todos esses temas de palpitante interesse para aquelles que têm uma parcella de responsabilidades assumida por força de ideal patriótico ou por injunções profissionais.

Acresce ainda a circumstancia de estarem os temas de tal fórma vinculados entre si, que não haverá meios para desvirtuamento das suas finalidades no computo do resultado total.

Por outro lado, a solução satisfatoria de qualquer um delles, implicará inevitavelmente a conclusão de todos os outros.

E' verdade que, por se tratar de Congresso, ninguém pôde preconizar o resultado exacto dos trabalhos. Todo o exito do Congresso dependerá do espirito que o presidir: — si de cooperação (team work) ou exhibicionismo pessoal. No entretanto, baseado na theoria do jogo, de que o esportista deve ter desenvolvido em alto grau, não só o espirito de disciplina, como de absoluta cooperação, em trabalhos cujos ideaes são communs, tudo correrá bem. Além disso será inconcebível qualquer attitude preassumida, pois pela primeira vez será offerecida, no Brasil, a oportunidade de aos verdadeiros profissionais em Educação Physica para definirem os caracteristicos da sua classe e de conhecerem em que grau de desenvolvimento technico esta se encontra, pois os charlatães, inevitaveis em todas as profissões, já an-

dam por ahi a mimarem, com o seu empirismo, a columna bibliographica da Educação Physica, que já se eleva a 19.619 trabalhos, para os quaes a lingua ingleza, posta em primeiro logar, contribue com a significativa parcella de 9.267 obras.

RENATO ELOY DE ANDRADE

AS COLLECÇÕES dos annos anteriores da "Revista do Ensino" são vendidas a 25\$000 cada uma. Pedidos á Direcção.

Exercícios escolares

Nesta secção a "Revista do Ensino publicará trabalhos das alumnas que concluem o seu curso normal (monographias, descripções, theses, estudos, etc.), desde que estejam de accordo com o programma desta publicação e venham com o "visto" do professor de Methodologia e do Director do estabelecimento em que foram apresentados.

A MESTRA E A CREANÇA

FABIOLA CHAVES DE SOUZA

Devagar, mestra, devagar...

... Sorrisos claros de creanças... Nas carteirinhas de tua aula esvoaçam cabelleiras louras, negras, castanhas...

Sóam risos frescos, crystallinos... Olhos castanhos, negros e azues, cheios de innocencia, ansiosos, se acham voltados para a porta, esperando que tu entres...

Cuidado!... Não vás espantar o bando festivo de borboletas que esvoaçam irrequietas no jardim perenne da primavera!...

Pisa de leve, mestra, bem de leve... Reza de manso, mestra, bem de manso... Vem como Jesus! Só Elle pôde te ensinar o que é bom, o que é santo! Devagar, mestra, devagar...

Eil-a, emfim, cercada pelo bando alacre que, numa tagarelice feliz, enche de vida a escola.

Mansamente, habil, carinhosa, a mestra se transfigura, unifica-se com as almas de suas creanças, começa a viver com ellas, conservando, embora, uma doce energia por onde transparece sua discreta autoridade.

Pouco a pouco a mestra vae conquistando a sympathia e a confiança de seus discipulos. Qual fada divina, ella procura penetrar nas candidas almas confiadas á sua responsabilidade e descobrir-lhes as tendencias mais occultas.

A creança passa a ser, então, objecto duma vigilancia continua, para que suas tendencias sejam orientadas de maneira a formar bons habitos.

Não é com muita facilidade que a mestra obtém resultados satisfactorios em suas pesquisas; mil dissabores e mil decepções ella ha de experimentar!

Lutando com esforço, trabalho, perseverança, experiencia, observação e prudencia, a mestra vae com a luz de seu amor, aprofundando-se na melindrosa e delicada sonda-gem dos abysmos da alma humana...

Ahi tendo chegado, olha, observa, reflecte! Si encontra tendencias defeituosas, a mestra, jardineira das almas, arranca-as, depressa, tendo o cuidado de substituil-as por bons habitos physicos, intellectuaes, moraes, religiosos ou sociais. Essa mudança pôde ser feita com certa habilidade, graças á plasticidade do organismo infantil.

A mestra precisa ser bastante acautelada, saber distribuir os habitos, conforme os interesses peculiares ás diversas phases da infancia.

Impor ás creanças habitos que não lhes estejam de accordo com a idade, é lutar contra resistencia invencivel, é comprometter e arriscar um futuro!

Devagar, mestra, devagar!... A formação de habitos exige muito senso, muito criterio. Delles depende o destino humano. A vigilancia da mestra deve ser como um grande par de azas abertas sobre as cabeças de seus discipulos, fazendo para elles um tecto cheio de carinho... um tecto cheio de luz!...

Não quero com isto dizer que a mestra deva ter a precaução de afastar da creança tudo que possa leva-la ao sofrimento, tudo que possa ser motivo de lagrimas ou tristezas. Não! A mestra precisa mostrar á creança a vida tal e qual ella é, todas as vezes que a occasião se offereça, para

que mais tarde a creança não extranhe a dôr e possa enfrentar corajosamente a vida.

"E' proçitoso que a creança sinta vivamente as funestas consequencias de seus maus actos; quando a dôr se associa á má acção, crea-se na vida psychica uma força inibidora da mesma acção", diz Bain.

A grande preocupação da mestra deve ser a conquista dos corações de seus alumnos. Para isto é mister que ella seja um exemplo vivo de mansidão, de justiça, de bondade, de imparcialidade, de carinho, fazendo respeitada sua autoridade, mantendo-se sempre digna, elevada, recorrendo ás boas maneiras, inspirando a todos estima, confiança, respeito, e a todos attendendo com um sorriso de affecto, tendo, nos reveses da existencia, um consolo para cada um.

Depois de conquistar o coração da creança, a mestra principia a plasmal-o, formando-o segundo um modelo eterno que traz em si: — a imagem de Christo.

O lapidario, com esforço e vontade, transforma a pedra mais bruta em primor; assim a mestra, com paciencia, vae lapidando as almas innocentes com o esmeril do seu puro amor !...

Sob o influxo da mestra, pouco a pouco, se vae desenvolvendo uma personalidade...

A creança, quando entra para a escola, impressiona-se logo com a mestra e, curiosa, pôe-se a observal-a, a analysal-a. Repara-lhe a physionomia, estatura, gesto, andar, voz, e formula um juizo a respeito da mestra.

Sympathizando-se com ella, acha-a linda, a mais bella pessoa do mundo: quer parecer-se com a mestra. Começa a querer-lhe bem, sente prazer em frequentar a escola, em olhar para a mestra, e, muitas vezes, estimulada por essa amizade, faz rapidos progressos nos estudos.

Mas, si a pobre da mestra lhe cae na antypathia, no desagrado, é quasi certo o fracasso da escola.

A creança começa por achar sua mestra muito feia, descobre-lhe mil defeitos, ridiculariza seus conselhos, seus actos, arremeda-lhe o andar, os modos, mette á burla seus

ensinamentos, e a mestra, não sendo muita perita, muito geitosa, está escapa a perder sua autoridade.

Comtudo, a mestra, bella ou feia, passa a ser modelo da creança, que a copia fielmente, sem o sentir, movida pela tendencia que lhe é innata, a tendencia da imitação.

Eis porque, com acerto e razão, a professora Alice Santiago diz esta phrase: "Assim como o sacerdote se purifica para receber o Deus da perfeição, assim a mestra, qual sacerdotiza, deve purificar-se cada dia mais para se dar ás almas innocentes".

Si todo o gesto, toda palavra, toda acção dum mestre, impressiona a alma de uma creança, esse gesto, essa palavra ou acção, pôde tornal-a santa ou pôde tornal-a criminosa.

As primeiras impressões que recebemos na vida não se apagam, principalmente as lições do exemplo, que impressionam mais fortemente. "O vaso conserva para sempre o perfume que quando novo recebeu".

Cuidado, mestra, cuidado...

Junto ás cabelleiras louras, negras, castanhas, que esvoaçam irrequietas, ha olhos, ouvidos e corações innocentes !

Cuidado, mestra, fala baixinho... pisa de leve... reza de manso... A alma da creança é um relicario, onde Deus occultou thesouros immensos, que deverão ser encontrados pelos mestres e um dia collocados nas mãos divinas !

Mestra, lembra-te das palavras de Jesus: "O que fizerdes ao menor desses pequeninos, a mim mesmo o fareis".

Faze o teu coração puro como o das creanças, santifica-te para que tu possas tornal-as santas e engrandecer o universo !

"Felizes, acrescenta Joubert, os que têm uma lyra no coração, e no espirito, a musica executada pelas suas acções".

E tu, mestra, fala como Jesus:

"Deixae vir a mim os pequeninos".

A mestra ideal

Creança do meu amor, vem á minha escola ! Aqui tudo são risos, tudo são flores !...

Vem, creança, porque, ficando sem os teus carinhos, eu ficarei como o albatrós nos mares... e como o bosque sem passarinhos !..."

E a mestra repete a voz de Luiz Delfino:

"Vós que buscaes a senda da esperança,
Entrae: aqui ha mundos luminosos
Num céu, que a mão, por mais pequena, alcança.

A isto esta cidade vos convida.
Entrae: por mais que a noite em vós se note,
Tereis um astro á frente na sahida !

Da cidade moderna é luz o mote
Que na porta da entrada arde e flammeja.
Entrae: a escola é cathedral, egreja;
Hostia, a sciencia; o mestre — sacerdote".

E as creanças que entram na escola para receber a "hostia da sciencia", ao sahirem de lá, trazem na frente um astro com reflexos divinos, com reflexos de Deus !

Outrora a mestra se contentava com encher as cabinhas que se quedavam immoveis á sua frente, com um sem numero de regras, duma immensidade de cousa que as pobrezinhas, receiosas do castigo, da palmatoria, repetiam tremulas, sem comprehender a significação.

Hoje a escola é um ambiente de luz, de vida real, onde a creança se vê cercada de solicitude e carinho ! Um ambiente de alegria e trabalho, onde a mestra se agita soberana, não com a supremacia de seu orgulho, do seu poder, e sim, com o exemplo de sua energia intelligente, de sua fé, de seu amor, de sua caridade, ascendendo para Deus.

Lindsey escreveu: "A creança é uma creatura maris-

vilhosa, um ser divino; podemos esperar muito della, mas ella tem tambem muito a esperar de nós, e o que ella nos dá depende em grande parte do que nós lhe damos".

A mestra ideal reconhece tudo isto e age segundo a psychologia infantil. Ella sabe transmittir seus conhecimentos e suas virtudes: attrae, suggestiona e vence pelo amor.

A bóa mestra foge á rotina, estuda, lê, evita nas suas aulas a insipidez estafante dos mesmos processos, crea coisas novas para fazer com que os alumnos tenham gosto, interesse pelo que ouvem, pelo que vêm, pelo que experimentam ou pelo que sentem, e, assim fazendo, a mestra sóbe mais um degrau na escada da perfeição ! Ella deve ser artista, possuir o espirito inventivo, recorrer sempre á imaginação para dar fórmulas novas ás mesmas idéas e revesti-las com roupagens rutilantes que logo captivem o espirito da creança.

A mestra deve instruir educando e, educando, instruir, para transformar a escola em viveiro de seres alegres, fortes de corpo, fortes de espirito !

A mestra sabe que a creança apprende melhor brincando que estudando, que mais rapidamente lhe entram os conhecimentos pelos olhos e pelos dedos, que pelos ouvidos. Por isso transforma sua escola em officina, museu, theatro, onde haja actividade, movimento, alegria, disciplina e liberdade. Mas a obediencia, ella sabe como exigil-a. Não a obediencia tradicional do terror, do medo, da quietude, da immobildade ou do silencio, mas a obediencia que eleve, que engrandeça, que dê responsabilidades ao alumno, que dignifique, que forme cidadãos e não escravos ! E' preciso fazer a creança se acostumar a supportar as restricções á sua liberdade e ao mesmo tempo, guial-a e oriental-a na pratica dessa liberdade. Sem isto, tudo é mero automatismo ! Tudo depende, pois, de se comprehender o que seja a obediencia.

A mestra deve acostumar a creança a obedecer racionalmente, isto é, comprehendendo a razão, a justiça ou mesmo apenas a necessidade e a vantagem do que lhe é ordenado. Já se foram os tempos em que a creança era uma quan-

tidade desprezível!... Hoje, felizmente, já se comprehende a delicadeza immensa desse pequenino sêr, e a mestra, os paes, os grandes e os sabios preocupam-se de verdade com a creança, pois nella está o destino do mundo!

A mestra ideal age como representante de Deus, com o ardor da sympathia, com a chamma do zelo. E sacrifica-se por seus alumnos, em quem descobre um esplendor que os approxima da divindade.

A experiência tem fartamente provado a influencia decisiva exercida pela mestra sobre os alumnos, e o aforismo reza:

"Tal seja o mestre, tal será o discipulo".

A mestra ha de ser o prototypo da honestidade, da virtude do character, do dever! Ella tem a "missão de apostolo", de responsabilidades tremendas, mas de sublimidade divina, porque recebe as benções de Deus nos beijos e sorrisos de uma patria agradecida...

Si tem o jardineiro sua preocupação com as flores, o astrologo sua intelligencia voltada para os astros, o sacerdote o coração erguido para Deus, a mestra tem a sua vida inteiramente consagrada ás almas das creanças! Sua preocupação é constante, ininterrupta; sua existencia exige de si dolorosos sacrificios e della se conforma, se resigna, e espera a recompensa que está lá em cima, na mansão da eterna justiça, no seio infinito de Deus!

A mestra ideal, traz bem dentro do coração este pensamento: "O Bem é a subida que não cansa"... Ella possui um conjuncto de qualidades indispensaveis: responsabilidade, dignidade, força, prudencia, ponderação, decisão, iniciativa, energia, constancia, justiça absoluta! A mestra ideal será aquella que tenha a intelligencia esclarecida pela fé, que se dirija á verdade como a planta se inclina para o sol; aquella de coração affectuoso, puro, que anhele o Bem, como nós pendemos á felicidade; aquella, de alma amorosa, compassiva, delicada, capaz de renuncia pela vida; aquella, de vontade fortificada pela graça, impregnada do Bem, como do perfume a flor!... Aquella ainda, de conducta immacu-

lada,, de amabilidade que attraia, porque: "é insufficiente não repellir, é necessario attrair".

Sua physionomia deve espalhar a serenidade; seu olhar espargir a caridade, seus actos e gestos desprender a suaividade, a humildade...

Emfim, a mestra ideal deve poder repetir as palavras do Divino Mestre:

"Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração"...

A cultura da mestra

... "E por onde passa a mestra a sombra se illumina"...

Lá vai ella deixando á sua passagem um suave aroma de meiguice... energia... santidade...

Ella, exhala discretamente o perfume de Christo, despreendendo a modestia, a paciencia, a bondade, a fortaleza, a abnegação!

Ao lado de tudo isto a mestra leva mais: leva a sciencia!... Leva o saber exigido por seu officio com o qual ha de formar mentalidades sadias. Leva o conhecimento profundo de tudo quanto ensina, para que sua palavra não seja méra banalidade e sua theoria não se torne em confusão embaraçadora.

A mestra, sabendo que seu dever é evoluir, não se contenta com a profundeza de seus conhecimentos de grammatica, de literatura, de mathematica, de historia, porque a mestra que hontem foi optima educadora, pôde hoje ser pessima professora si não se preocupa em abrir novos livros de pedagogia, livros scientificos, didacticos ou mesmo livros recreativos. Pôde, de optima, tornar-se incapaz, si não se convence em fazer-se mestra hodierna, que viva a par do progresso, acompanhando e comprehendendo a evolução da humanidade, afim de concorrer com todos os seus esforços para o engrandecimento de sua patria!

"Ninguem dá o que não possui", diz o proverbio --

logo, a mestra que não possui instrução, já jamais poderá communicar-a.

Mas a mestra de espirito superior possui erudição sobre assumptos variados; manja com independencia idéas abstractas; é capaz de formar syntheses originaes e bem argumentadas sobre assumptos de diversos dominios da sciencia; faz leituras variadas, não só em lingua patria, mas em lingua estrangeira.

A mestra não deve contentar-se em possuir a "Sciencia", mas, sim, deve saber transmitil-a com modestia e desembaraço. De que lhe servirá um solido preparo, si ella não fór capaz de bem transmitil-o a outrem?

Nesse caso é melhor ter-se menos cultura e o pouco que saiba com segurança, facilidade e clareza, criteriosamente poder transmitil ao proximo.

Mestra ha, de que se dizem "ter o dom de ensinar", porque unem facilmente, transmittem suas idéas a outrem, com tanta clareza, que apenas uma sua ligeira explicação faz com que o apprendiz formule idéa nitida do explicado; essas têm a intuição natural.

A ficha profissional considera espirito muito superior na arte de ensinar a mestra cuja aula parece uma obra de artista, revelando ao mesmo tempo conhecimentos profundos da materia e uma logica impeccavel na organização do material pedagogico. E' capaz de crear novos methodos e transmitil as materias mais dificeis, mesmo ás creanças pouco intelligentes, interessando do modo maximo os bens dotados.

Infelizmente, ha mestras que não podem satisfazer essa ficha, mas isso não é motivo para desanimo ou renuncia ao magisterio. Basta vontade, perseverança e zelo para acompanhar as transformações e descobertas de novos methodos, seguir experiencias de mestres mais praticos no ensino, ter o cuidado de procurar meios concretos para a transmissão de seus conhecimentos.

A mestra deve lembrar-se, principalmente, dos principios da methodologia, que dizem: "O ensino deve adaptar-

se á natureza infantil, aos conhecimentos que a creança já tem e ás suas necessidades". Si a mestra leva á sua classe assumptos que não estejam dentro dos conhecimentos e necessidades infantis, irá "malhar em ferro frio", porque suas palavras não despertarão o interesse dos alumnos. E' necessario, então, que, antes de mais nada, a mestra pesquize os conhecimentos dos discipulos.

"O ensino deve ser graduado e progressivo, partindo do simples para o complicado, do concreto para o abstracto". Um proverbio o confirma: "Devagar se vae ao longe" — e Locke accrescenta: "Devemos no principio perder tempo, para depois ganhar-o".

"A materia deve despertar e manter a attenção da creança, por isso, apoderar-se do seu interesse". Sabemos que a attenção desperta o interesse, que é a base para o desenvolvimento continuo. A mestra deve afastar da sua aula tudo o que leve os alumnos á distracção.

"O ensino deve dar oportunidade á actividade da creança". Isto para não lhe matar a iniciativa e fazer com que elle revele suas tendencias naturaes; seu raciocinio será desenvolvido e ella obterá um conhecimento mais firme e profundo.

"O ensino deve ser intuitivo". Para que no espirito das creanças as imagens se tornem nitidas, claras, porque os alumnos apprendem melhor vendo e observando que ouvindo.

"O methodo de ensino deve associar-se aos diversos pontos da mesma materia". Quanto maior fór o numero de associações, maior será a apprendizagem, pelas relações semelhantes que se fazem.

"O ensino deve ser aprofundado". O alumno deve comprehender o ponto explicado, guardal-o na memória e saber explical-o com facilidade em qualquer emergencia.

"O ensino deve ter utilidade para a vida". Hoje ninguém poderá viver sem decepções, si não possui instrução, que nos acompanha em todos os transe da vida.

"O methodo de ensino deve ser adoptado conforme a

natureza infantil". Porque, só assim, daremos á creança o que ella póde comprehender e estaremos certos da sua attenção e interesse.

"O *rhythm*o de ensino deve ser indicado pela massa". O professor deve guiar-se pela maioria da classe, sem descurar, no entanto, dos atrasados e nem dos adelantados".

"O mestre deve ser em eterno insatisfeito comsigo mesmo" — escreveu algum; e, é sentindo a constante e absoluta necessidade de aperfeiçoar a sua cultura, de renovar-a quotidianamente, que a mestra consegue ser "mestra-modelo", capaz de suggestionar, orientar, esclarecer, conduzir ao Bem, com segurança, as almas que lhe forem confiadas.

Si o seu dever é guiar a creança, desenvolvendo-lhe não só as faculdades physicas e sociais, mas principalmente as intellectuaes e moraes, para que ella alcance independentemente o fim da sua vida, que é Deus, a mestra deve aprimorar-se mais e mais, abroquelando-se na Sciencia e na Fé, para viver na vida de seus amados discipulos, ascendendo-lhes no espirito a luz que os guie, rectificando-lhes a razão que os illumine a encontrar o verdadeiro caminho do Bem, que e o caminho de Deus!

Mestra e amor

"Amar é soffrer"...

Tu bem o sabes, mestra!... Sabes tambem que a estrada que trilhas é o caminho do amor, todo semeado de sacrificios, onde ha cruzes e espinhos!

Não te esquives delle, mil vezes, não!... Lembra-te que Jesus, o Filho de Deus, pisou-o e nelle derramou seu sangue! Lembra-te que estás por sobre o sangue d'Aquelle que é o Amor... Segue o exemplo de Christo, que, fazendo-se homem, souzizou a dôr!...

O Cordeiro Immaculado, entregando-se ao martyrio, divinizou a Cruz!...

Carrega tambem a tua cruz, acceita a corôa feita de espinhos e segue o Mestre dos mestres.

Tu, mestra, eu o sei, queres viver... Tu, que és mestra, queres amar... queres soffrer... Jesus, o mestre por excellencia, o Mestre Divino, o Mestre Santo, amava muito e principalmente ás creanças, como vemos um exemplo nessa poesia de Gomes Leal:

"Deixae-as vir a mim. Sou o ceifeiro
Que nada perde, e os mundos vem ceifar,
Feliz de quem, como estas, é rasteiro.
Ai daquelle, cruel, que as molestar!"

E, onde estivesse o Mestre, lá estavam ellas, as creancinhas risonhas, esperanças da vida, flores peregrinas a sorrir de mansinho, dando uma nota alegre aos campos em que pisavam!

O amor é o grande educador que faz desabrochar a juventude. Assim como o sol é o inicio que póde desenvolver o aroma dos fructos e o perfume das flores, assim tambem o amor é o inicio que póde desenvolver na creança a doçura e a belleza!...

O amor é a unica cousa que faz engrandecer a vida, que dá encanto ao trabalho, que suavisa a dôr, que adoça os soffrimentos.

Wagner escreveu:

"O amor é a lei suprema! Sem elle não somos mais que um corpo desprovido de alma, uma vela sem brisa, uma machina sem carvão..."

Sómente canta bem quem canta com amor; sómente forja bem quem forja com amor; sómente ensina bem quem ensina com amor!

E' preciso amar em Deus a grande fonte da vida, de ternura, de bondade; é preciso amar o céu azul, o sol, as montanhas, o mar, as arvores, as flores, os animaes, as artes, o trabalho, a graça e a virtude. E' preciso amar a vida sob todas as suas fórmas, nos cabellos louros das creanças, como nos cabellos brancos dos velhos, como na bella juventude, e

sobretudo em suas dores, seus fardos, suas feridas. E é preciso amar não por metade, mas de todo o coração.

Mestra, tu deves amar! O Deus omnipotente nos deixou bem gravadas no coração, essas palavras:

"Tu amarás a Deus de toda a tua alma e a teu próximo como a ti mesma". Eis que se resumem em uma única, todas as leis da vida verdadeiramente bella!

Um dos nossos poetas escreveu:

"Que fazer para ser como os felizes? AMA!"

E a mestra, mais que todos, precisa do amor.

A mãe que ama seu filhinho, ama-o pela necessidade de amar a carne de sua carne, o sangue de seu sangue!

Amando-o, ella ama um pedaço de sua alma, uma parte de seu coração!...

E' um amor natural encontrado mesmo nos animais, nos mais ferozes!

Raymundo Corrêa nol-o mostra, com a sua delicada poesia — "A Leôa":

"Não ha quem a emoção não dobre e vença lendo o episodio da leôa brava, que, sedenta e famelica, bramava, vagando pelas ruas de Florença.

Foge a população espavorida, e na cidade deploravel e êrma topa a leôa só, quasi sem vida, uma infeliz mulher debil e enferma.

Cegava-a o pranto, enroquecia-a o chôro, desvairava-a o pavor!... E, emtanto, o lindo e terno infante, pequenino e louro, placido, estava nos seus braços rindo.

Mas a leôa, como si entendesse o amor da mãe, inculume deixou-a... E' que esse amor até nas feras vê-se! E é que era mãe, talvez, essa leôa!...

E tu, mestra, deves amar de graça, sem ligação de materia, nem exigencia do espirito. Tu deves amar no sentido da mais alta significação deste termo!...

Deves amar de graça, sem fito em recompensa terrena, porque amar para receber, amar para tirar proveito, não é amar! "Amar é querer e buscar o bem dos outros, trabalhar para isso com todas as forças e encontrar nisso felicidade" — diz Wagner.

Tu deves amar, mestra, de todo teu coração, de toda tua alma. Faze de teu amor a tua gloria, a tua religião, a tua esperança e até a tua magua!...

Apprende a descobrir nos sorrisos das creanças a felicidade suprema, um lenitivo para tuas dôres... a lembrança do Céu!...

Ama como Jesus amou... consome-te no teu amor ardente!

Pensa como o poeta: "Morre de amor o Christo... renasce a humanidade!..."

Renuncia e ama, porque assim Deus te abençoará.



Mestra, eu ainda quero deixar aqui os lindos trechos da "Oração da Mestra". Que todos os dias, antes de entrar em tua aula, tu te lembres de Deus e digas:

"Senhor! Tu que ensinaste, perdôa que eu ensine e que tenha o nome de Mestra, que tiveste na terra. Dá-me que eu seja mais Mãe do que as Mães, para poder amar e defender, como as Mães, o que não é carne de minha carne! Dá-me a sensibilidade e dá-me a profundez; livrae-me de ser confusa e banal no meu ensino quotidiano. Dá-me que eu possa levantar os olhos do meu peito ferido, ao entrar cada dia na minha escola. Que eu não leve á mesa de trabalho os meus pequenos desalentos materiaes, as minhas mesquinhas dôres de cada hora.

Quando a minha doutrina fôr mais casta, e mais quei-

mante a minha verdade, ficarei abandonada dos homens — mas Tu me apertarás então contra o teu coração — elle que foi cheio de soledade e desamparo !..

Dá que eu alcance fazer de uma das minhas discipulas o meu verso perfeito e deixar gravada na sua alma a minha mais penetrante melodia, quando meus labios não cantarem mais!..”

FABIOLA CHAVES DE SOUZA

OS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO DO ESTADO, (GRUPOS ESCOLARES, ESCOLAS REUNIDAS, ESCOLAS NORMAES E GYMNASIOS OFFICIAFS) QUE NÃO ESTIVEREM RECEBENDO A “REVISTA DO ENSINO” COM REGULARIDADE DEVEM DIRIGIR SUAS RECLAMAÇÕES A ESTA REDACÇÃO, NA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E SAUDE PUBLICA

A selecção dos alumnos

W. STERN

(Tradução (1) de J. B. Damasco Penna — Estudo preliminar de Lorenzo Luzuriaga)

Ainda que o professor STERN seja sobretudo um psychologo e um philosopho, merece — como CLAPARÈDE — ser incluido entre os representantes da pedagogia contemporanea, pela repercussão que nella têm tido seus trabalhos de psychologia infantil, em que talvez seja hoje a maior autoridade.

W. STERN nasceu em Berlim, em 1871, e estudou, na Universidade dessa cidade, philologia e philosophia, com o proposito de tornar-se pedagogista como seu avô materno. STUMPF e EBBINGHAUS foram os professores que mais influíram em sua formação, orientando-o para os estudos psychologicos. Em 1892 se doutorou e em 1897 tornou-se “Privatdozent” na Universidade de Breslau, em que foi nomeado professor extraordinario em 1907. Em 1916 succedeu a E. MEUMANN — creador da *pedagogia experimental* — nos “Cursos publicos” de Hamburgo e, em 1919, quando ahi se creou a Universidade, foi nomeado professor de philosophia, psychologia e pedagogia, cathedra que ainda hoje occupa.

(1) Tradução feita sobre a edição espanhola da obra de W. Stern, *La selección de los alumnos* (trad. e estudo preliminar de LORENZO LUZURIAGA, Madrid, “Revista de Pedagogia”, 1928), e devidamente autorizada pela *Revista de Pedagogia*. (Transcripto da “Revista de Educação”, de São Paulo).

O professor W. STERN é, além disso, director do celebre laboratorio de psychologia dessa Universidade e director, com OTTO LIPMANN, da *Zeitschrift für angewandte Psychologie* (Revista de Psychologia Applicada) de Berlim e, com O. SCHEIBNER, da *Zeitschrift für pädagogische psychologie* (Revista de Psychologia Pedagogica), de Leipzig.

Os mais importantes trabalhos psychologicos, philosophicos e pedagogicos de W. STERN são:

"Über Psychologie der individuellen Differenzen" (Sobre psychologia das diferenças individuais, Leipzig, Barth, 1900;

"Person und Saches". System der philosophischen Weltanschauung (Pessoa e cousa. Systema da concepção philosophica do mundo), 3 vols. Leipzig, Barth, 1906-1926;

"Monographien über die seelische Entwicklung des Kindes", (Monographias sobre o desenvolvimento anímico da creança) I — "Die Kindersprache (A linguagem infantil) 1917, 3.^a ed. 1922. II — "Erinnerung, Aussage und Lüge in der ersten Kindheit (Recordação, testemunho e mentira na primeira infancia), 1908, 3.^a ed. 1922, Leipzig, Barth (De colaboração com CLARA STERN);

"Die differentielle Psychologie in ihren methodischen Grundlagen" (A psychologia differencial em seus fundamentos methodologicos) Leipzig, 1911, 2.^a ed., 1921;

"Psychologie der frühen Kindheit bis zum Sechsten Lebensjahre. (Psychologia da primeira infancia até os seis annos), Leipzig, Quelle & Meyer, 1914, 4.^a ed., 1926;

"Die Intelligenz der Kinder und Jugendlichen und die Methoden ihrer Untersuchung (A intelligencia das creanças e jovens e os methodos de sua investigação) Leipzig, Barth, 1910;

A respeito de W. STERN pôde-se ler sua interessante autobiographia publicada na série "Die Philosophie der Gegenwart in Selbstdarstellungen" (A philosophia contemporanea em autobiographias). Leipzig, F. Meiner, 1927. Alem disso:

JONAS COHN — *William Stern und sein Werk* (Ztschr. f. päd. Psychol., 1921).

DÖRING — *W. Stern Bedeutung für die Pädagogik* (Erziehung und Bildung, 1923, 8).

E. SAUPE — *Deutsche Pädagogen der Neuzeit*, Zickfeldt, Osterwieck, 1924.

Em philosophia W. STERN é o creador do chamado "personalismo". Por "pessoa" entende STERN "uma totalidade concreta, com finalida propria", "algo existente que, apesar da multiplicidade das partes, constitue uma unidade real, peculiar, substantiva e que, como tal, apesar da multiplicidade de funcões parciais, possui actividade propria, unitaria, tendente a um fim.

O conceito opposto a "pessoa" é a "coisa", que não é totalidade, mas aggregação; não é acção originaria tendente a um fim, mas campo de acção de influencias alheias: não é algo individual concreto, mas algo abstracto equivalente; não é absoluto, mas relativo.

Para a pedagogia isso suppõe "partir da creança", como algo de valor proprio, particular, com finalidade que ella mesma deve alcançar. Na creança existe a tendencia ao aperfeicoamento e a direcção para esse aperfeicoamento. Por sua vez a creança, como o homem, só pôde alcançar seus fins numa comunidade. Está, ademais, em relação com o mundo exterior, com as "cousas"; essa relação, necessaria tambem ao desenvolvimento da personalidade, é o que STERN chama a "convergencia". (Nella e não na pessoa ou na cousa isoladamente é que deve basear-se a educação.

Quanto á psychologia, STERN é o creador da chamada "psychologia differencial" que occupa lugar intermediario entre a classica geral e a individualista descriptiva. Por um lado, a psychologia differencial investiga as leis das variações psychicas, as formações de tipos e as correlações e assim *generaliza*; por outro, estuda a constituição psychica do individuo, seu grau de intelligencia, sua personalidade total e então *particulariza*. Assim, aproxima-se da concepção de SPRANGER, as chamadas "formas de vida" e da

"formação de typos" de KRIECK, que são outros tantos ensaios para conciliar o geral com o particular.

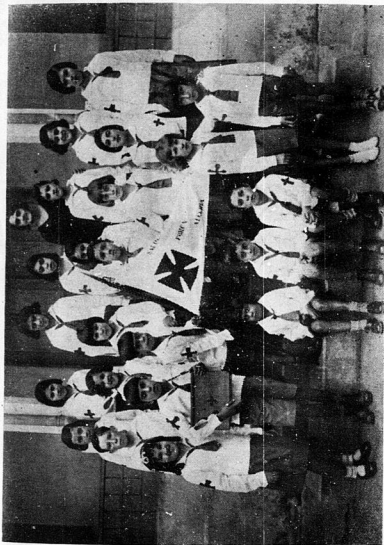
Tão ou mais importantes que suas theorias philosophicas e psicologicas são, porém, seus trabalhos concretos sobre psychologia infantil, materia em que chegou a ser classica sua obra sobre a psychologia da primeira infancia. São igualmente importantes seus trabalhos de psychotechnica, especialmente os relativos á psychologia do testemunho e á selecção dos alumnos, que realizou em grande escala, em Hamburgo. Este problema é uma das mais graves preoccupações de nossa epoca; para nós sua solução envolve outro problema politico-social de grande importancia; e da relação entre a democracia e a competencia. O trabalho que se vae seguir é uma conferencia feita em Altona, numa "Semana politico-escolar" realizada em 1925 e é publicada com a devida auctorização do Autor e do editor Quelle & Meyer, de Leipzig. — Lorenzo Luzuriaga.

I

A selecção dos alumnos

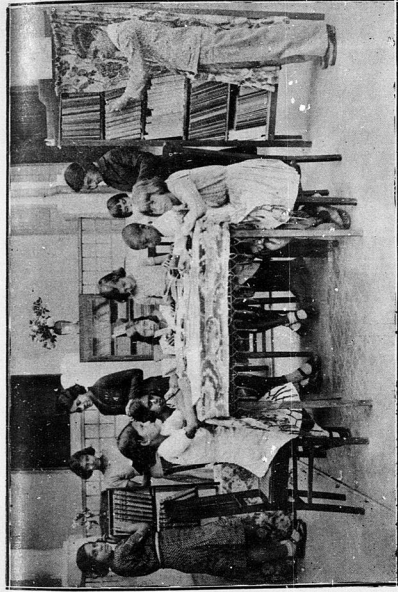
Ainda que as conferencias da Semana Pedagogica de Altona sejam chamadas de politico-escolares, não cabe, para esta que ora inicio, dar á palavra *politica* o sentido de politica partidaria, nem o de um desses abysmos politicos que infelizmente separam nossa gente de maneira tão radical e que, além disso, tanto têm prejudicado nossa organização educacional. O problema da selecção dos alumnos é "politico" apenas no sentido elevado de que se trata de medidas postas a serviço da collectividade e do futuro da raça e de que ha problemas cuja solução puramente theorica é impossivel e que necessitam da collaboração expontanea, da acção conjunta de autoridades, paes e mestres, para boa solução.

AS ACTIVIDADES EDUCATIVAS EM MINAS GERAIS



Pedão de Sanção do Grupo Escolar "Cel. José Hildebrando", de cidade de Piranga

AS ACTIVIDADES EDUCATIVAS EM MISAS GIRAIS



Grupo Escolar "Cel. José Ildefonso" — Piranga
Redacção do jornalzinho do grupo

Trata-se, também, de questões cuja transcendência e cuja significação para o futuro passam despercebidas ao commum das pessoas. É certo que o problema complexo da selecção dos alumnos se nos apresenta acompanhado de uma serie de exigencias; dahi a razão da necessidade de vêr claro, para dar com o caminho certo.

De que se trata ?

Comecemos por um retrospecto. Ha mais de dois mil annos foi escripto o primeiro livro sobre a politica e sobre o Estado, a *Republica* de Platão. Esse primeiro estudo da politica em geral encerra extensas lições, precisamente sobre "politica pedagogica", traçadas de tal arte que nos parecem hoje singularmente modernas, extraordinariamente propheticas. Na organização do Estado que Platão representa sob a forma da organização de uma cidade — deve haver profissões e classes sociaes diversas: uma de governantes, uma de guardas, defensores e guerreiros, e uma de campos e artifices. Não são, porém, a riqueza e a linhagem que separam as classes, mas as *capacidades*. Platão explana a theoria de uma organização escolar que, aberta de inicio a todos os filhos dos cidadãos livres, se restringe ao depois ao mais apto dentre elles, a quem se dá educação de nível mais elevado; continuando a selecção, procura-se nos já seleccionados os de mais lucida intelligencia, os expoentes espirituaes, os que podem jogar com termos abstractos, idéas e ideas, na contemplação dos grandes trabalhos do espirito e a elles se lhes abre a via que conduz ao governo, por meio de apurada educação.

É com este espirito que se deve interpretar a phrase de Platão "os philosophos devem ser os reis", phrase que tanto se tem criticado, mas que corresponde com inteira justeza á idéa hoje corrente — ás maiores capacidades, os maiores encargos, os cargos de direcção e orientação. A base de Platão é um principio effectivo de selecção das capacidades. E della ainda se extrahе outra consideração profunda, os intellectuaes não devem afastar-se do mundo e de sua

realidade, no cimo elevado da idéa pura em que pairam, se não que, privando-se do gozo egoista da propria lucida comprehensão, devem descer aos humildes de espirito, com os quaes repartirão os recursos da cultura, promovendo a melhora dos desfavorecidos da intelligencia. . .

O estado educacional de Platão é, porém, uma utopia. Platão suppunha possível sua effectivação, em dado momento: não houve, porém, até o presente nem haverá ainda por muito tempo, possibilidade de realizal-o.

Veja-se agora uma segunda imagem. Não remontaremos a dois mil annos: basta recuar um seculo, mais ou menos, foi nessa epoca que, na Allemanha, se expremiu pela primeira vez a mesma idéa, defendida, ardorosamente em calidas e brilhantes palavras, no momento em que o paiz se achava em situação difficil. Foi nessa epoca que Fichte pronunciou seus *discursos á Nação allemã* e expoz o ideal de uma nova educação, fonte de completa renovação moral do povo, e que levaria seu radicalismo ao ponto de subtrahir as creanças aos paes afim de educal-as numa republica pedagogica autonoma. Eis a phrase textual: "Todo talento é propriedade da nação e não lhe póde ser alienado". Dessa phrase decorre o principio da selecção: primeiro, educação commum para todas as creanças; depois, educação especial e ampliada para os mais capazes. Fichte, como Platão, pensa especialmente nas aptidões *theoricas*, scientificas, que devem ser desenvolvidas em todo o povo, para povoar depois as escolas superiores e as universidades e emprehender a direcção moral do Estado. Outra utopia.

Mas, o que ha cem annos foi uma utopia, chegou a ser, ha dez, *um programma*. A principio foi apenas o desejo de alguns e, depois, graças ao desenvolvimento tumultuoso que a guerra e a revolução acarretaram, avassalou rapidamente a consciencia de grande numero de pessoas. São conhecidos os lemmas que então se proclamaram: "elevação dos bem dotados", "caminho aberto ao talento", "o homem de-

vido no logar devido". (1) Tambem tomei parte, em 1916, nessas discussões (2) e tratei de explicar especialmente o aspecto pedagogico, valendo-me de duas idéas que permitem desenvolver pontos já fixados anteriormente. Accentuava eu, por um lado, que o postulado "o homem devido no logar devido" devia ter um complemento que o precedesse: "a creança devida no escola devida". Já realizamos muito, dizia por outro lado, e temos intenção de continuar essas realizações, no que respeita á pedagogia dos deficientes assim phisicos como mentaes: são titulos de gloria para nossa instrucção publica as escolas de atrazados, as classes de acceleração, os institutos de anormaes, etc. *Mas devemos fazer em pròl de nossas creanças bem dotadas o que fazemos pelas que são deficientes*. Temos tambem deveres especiaes com relação áquelles que se destacam da média pelo extremo opposto, isto é, os superiores.

Seria tudo isso mais uma utopia ?

Em 1919 foi promulgada a Constituição Nacional Allemã, que contém um parographo decisivo: para promoção de uma creança da escola fundamental para a escola superior "devem ser levadas em conta suas disposições e preferencias naturaes e não a condição economica ou social ou a confissão religiosa". Mercê deste dispositivo a idéa de selecção desceu da atmosphaera nebulosa e vaga da especulação philosophica para o terreno da realidade. Disposições e preferencias: são as forças internas que o homem encerra em si, são as virtualidades em desenvolvimento, que levam á realização effectiva.

(1) Veja-se daquella epoca principalmente a obra da "Commissão allemã para a educação e a instrucção". *Der Aufstieg der Begabten; Vorfragen*. Publicada por Peter Petersen, Leipzig, Teubner, 1916. Tambem "HARTNACKE, *Das Problem der Auslese der Tüchtigen*. 2. ed. Leipzig, Quelle & Meyer, 1916.

(2) *Die Jugendkñde als Kulturförderung*, mit bes. Berücksichtigung des Begabungsproblems, Leipzig, Quelle & Meyer, 1916 (tambem: *Utschr. f. päd. Psychol.*, tomo XVII).

Quando essas forças íntimas da creança são elevadas á altura de principio de organização escolar, defrontamos u'a *mudança de nossa ethica*, mudança que nem todos têm observado bem. Trata-se da apreciação ethica da egualdade e differença do homem. E' certo que todos os homens são eguaes em determinadas qualidades humanas fundamentaes e é por isso que ha direito e deveres humanos tambem fundamentaes e que são communs a todos, indistinctamente. Mas, hae de ser, por certo, interpretação falsa da grande idéa democratica da egualdade (dando á palavra "democratica" não o sentido politico partidario, mas o sentido philosophico) o querer-se desconhecer, com a verificação da egualdade fundamental que, sobre essa egualdade, existe a *multiplicidade das individualidades*, u'a multidão de formas, uma riqueza de disposições e differenciações de capacidade que se não deve reprimir, senão que, pelo contrario, accentuar, cultivar e valorizar. O sentimento amargo que surge tão facilmente quando são assignaladas exteriormente, por assim dizer, as differenças de homem para homem, baseadas talvez na riqueza ou na proveniencia casual de uma ou de uma outra classe social, esse sentimento doloroso desaparece quando as differenças estão profundamente radicadas na constituição do homem, naquelles traços da personalidade que a Constituição allemã chama de "disposições e preferencias", na direcção de seus interesses, na força toda de suas possibilidades. O postulado da egualdade, profundamente moral, só pôde consistir em que se dê a todos os homens *a mesma possibilidade de desenvolvimento de accordo com sua feição particular*, segundo sua natureza e conforme sua capacidade. Fundem-se, assim, num grande ideal ethico, a egualdade e a differença. As forças que dellas provém e em que percebemos a possibilidade de actos de valor têm direito a se effectivar; e esse direito é valido para qualquer capacidade, ainda para a mais insignificante. Isso não quer dizer que haja privilegio de poucos genios, e sim que poucos são os homens que não têm alguma capacidade, seja uma pequena habilidade ou um talento modesto; o que tudo

se applica tanto á creança das classes de retardados quanto á das classes dos bem dotados. Por outras palavras, cada qual deve realizar o que de melhor possua em suas capacidades.

Certo, esta exigencia seria moralmente insupportavel se significasse apenas um *direito* dos individuos ao maior cultivo possivel de suas capacidades. Isso importaria num individualismo muito criticavel. Não importa que, sobre a base das idéas anteriormente indicadas, se dê a cada individuo o direito de fazer valer suas capacidades, como se fosse merito especial possuir intelligencia superior á média ou talento extraordinario. Começa aqui a *verdadeira moralização da capacidade*. (3) Antes de mais nada as disposições não são direitos, mas *deveres*. Todo homem tem, além de deveres geraes, que decorrem da condição de homem, a vocação especial que decorre de sua capacidade particular. Por isso, os talentos extraordinarios têm, tambem, obrigações extraordinarias. Lembremo-nos, neste passo, de Platão, que já exprimiu com muita penetração essa idéa. Os privilegios estão em relação com os deveres ou, para usar um jogo de palavras: "Dons são obrigações" (*Gaben sind Aufgaben*). Os dons não são favores, não são algo com que se possa fazer o que se entenda, que se possa pôr a perder ou utilizar egoisticamente ou com que se possa jogar, senão que são missões a serviço da collectividade e do grupo social; e este é argumento com que se vence definitivamente a attitude individualista. Houve tempo em que era corrente a phrase: *Noblesse oblige*: essa phrase se applica tambem á nobreza intellectual: *talento obriga*. (4)

Em face da obrigação de cada individuo de desenvolver-se socialmente do melhor modo possivel, ha a obrigação

(3) Este ponto-de-vista ethico está extensamente desenvolvido como "ethica profissional" em minha *Wertphilosophie*, Leipzig, Bart, 1924 — cap. XV, 4.

(4) Esta moralização da capacidade permite vencer tambem o perigo imminente de *exaggerado intellectualismo de capacidade*,

da collectividade, do Estado, de cultivar e amparar os talentos. Não basta abrir-lhes via livre: o afastamento de obstáculos é simplesmente condição prévia, mas não é tudo. Além disso, devem ser estimulados os talentos, chegando-se, assim, ao trabalho propriamente *politico-cultural*, em que está, justamente, a parte da actividade immediata que se deve exigir do Estado e da Instrução Publica. Devem ser creadas instituições de aperfeiçoamento (*elevação*) e instituições de *selecção*. Dos dois grupos, o primeiro tem sido muito mais cuidado que o segundo. Dispondo, como dispomos, da escola unica diferenciada, temos recursos de organização para o trabalho de elevar, visto como ha possibilidade de passagem da escola basica commum para ramos diversificados da organização escolar (5). Entendemos o problema, porém, de maneira extremamente simplista, crendo que o estabelecimento dessa organização escolar diferenciada teria a virtude de produzir automaticamente a accommodação das creanças ás varias especies de escolas. Não é assim. *Toda essa organização, ao contrario, não se effectiva emquanto não se tenham encontrado as creanças adaptadas a cada escola, o que nos faz defrontar o verdadeiro problema da selecção.*

Quando se passa á politica realista, como é nossa in-

isto é, do ponto-de-vista que estabelece o valor do homem principalmente pelo nivel de sua capacidade. Não importa saber quaes as capacidades de um homem, e sim que deveres dellas derivam e como são cumpridos. De accordo com esta maneira de vêr, a capacidade *espiritual* só é moralizada pela *vontade* de transformar as possibilidades de valor existentes em realidade de valor e pelas propriedades de *caracter* exigíveis para tanto, de persistencia e de applicação, de auto-formação e auto-responsabilidade.

(5) Como é sabido, desde a Constituição de 1919 foi estabelecido na Allemanha a *Grundschule* ou escola fundamental de frequencia obrigatoria a todos, tendo sido supprimidas as classes preparatorias ou primarias annexas aos estabelecimentos de ensino secundario. A passagem para estes estabelecimentos é feita, pois, directamente da escola publica fundamental, depois dos dez annos. (Nota de LORENZO LUZURIAGA).

tenção aqui, reconhece-se que o problema se complica extraordinariamente, por isso que ao ponto de vista ethico e ao sociologico se vem juntar outro, da mesma importancia, que é o *psychologico*. É preciso saber antes de mais nada que differenças de capacidade existem e, para isso, investigar as disposições naturaes. É preciso, ademais, saber dos meios com que se póde determinar se uma creança possui capacidade que lhe permita aspirar a estudos superiores futuros e a profissão mais elevada; isto é, faz-se mister diagnosticar e prognosticar disposições. Si se considera tudo isso, vê-se bem quão grave e complexo é o problema da selecção. As opiniões não concordam, em quasi todos os pontos, porque geralmente não se encara o problema em conjuncto. A intervenção de alguém que, impessoal, desligado do interesse do professor da escola fundamental que envia o alumno e tambem do professor da escola secundaria que o recebe, procurasse afastar do estudo do problema a influencia affectiva interna e unilateral do grupo interessado, seria talvez proveitosa. Estas observações se dirigem ao estudo de tres grandes questões. (6)

II

Quando se deve realizar a diferenciação?

Defrontamo-nos, neste capitulo, com as correntes opostas que acabamos de assignalar. Adversarios da selecção em geral encontramos-os desde logo, principalmente nos cir-

(6) Este nosso trabalho trata apenas dos *problemas* da selecção dos alumnos, e não do seu estado real presente, de accordo com as disposições officiaes e com os processos de trabalho escolar. Póde-se, felizmente, citar, com referencia, pelo menos, á selecção das creanças de dez annos, um trabalho de conjuncto que expõe a situação em 1924: *Der Übergang von der Grundschule zu weiterführenden Schulen*, Bestimmungen, Erfahrungen, Vorschläge, publicado por H. Hylla, em nome da "Central pedagogica da Associação de Mestres Allemães", Leipzig, Klinkhardt, 1925. (Supplemento de *Die Deutsche Schule*, n.º 1).

culos dos "reformadores radicais da escola". (7) Crêm elles que pelo menos no curriculum primario, com seus oito annos, não ha direito nem cabimento em separar determinadas creanças da comunidade de que fazem parte. As creanças devem ser membros de uma comunidade escolar, de uma comunidade de classes, formando um todo organico, de sorte que a multiplicidade das disposições não signifique defeito, mas riqueza. Os mais capazes não devem ser separados dos menos capazes, cabendo aos primeiros reconhecer sua missão social e agir como auxiliares dos deficientes.

Diz-se tambem que com a moderna educação pelo trabalho chega mais rapidamente a occasião em que na propria classe se dá differenciação que permite proporcionar aos bem dotados alimento espirital adequado. Diz-se mais que não é justo afastar da classe os espiritos animadores, que estão em condições de acelerar o ensino, por isso que hão de fazer falta, sentida tanto dos condiscipulos como do proprio mestre. A selecção é perigosa para os proprios seleccionados, visto como lhes fomenta o orgulho: sentem-se preferidos, olham com desprezo os que não desfructam da mesma situação. Ha ainda o perigo resultante da formação de um proletariado intellectual, o que se dá si se elevam muitas creanças da plebe ao nivel secundario de preparação theorica e á universidade. Estas razões foram sempre apresentadas com grande convicção e são reveladoras de espirito muito preocupado com a ethica, com accentuar a idéa social da comunidade; parece-me, no emtanto, que não podem ser acceitas.

Volto á phrase citada ha pouco: o que se faz por nossas creanças desfavorecidas deve tambem ser feito por nossas creanças bem dotadas. E' injusto fazer passar por um processo escolar mais lento e mais simples os individuos bem

(7) V., a respeito da "Liga de reformadores radicais da escola": *Concepto y desarrollo de la nueva educación*, por L. LUZURIA-GA. Publicação da *Revista de Pedagogia*, 1928. (Nota de LORENZO LUZURIA-GA).

dotados, com relação aos quaes tambem temos deveres. Não temos deveres apenas com relação aos individuos bem dotados; ha tambem o dever geral de zelar por que essas disposições valiosas sejam desenvolvidas da melhor forma possivel; e, diga-se o que quizer, o facto é que a parte que é menos dotada atraza o tempo de desenvolvimento e abaixa o nivel da formação que se virá a alcançar. Quando, portanto, são os bem dotados mantidos por oito annos na mesma classe em que os deficientes, ha duplo perigo. Em primeiro logar, os deficientes, que necessitam de licções especiaes, não as podem receber.

Por muito que se queira individualizar o ensino, permanece sempre certo nivel geral de instrução, determinando geralmente pela parte mais fraca da classe; e, além disso, ha sempre certo tempo de avanço que se rege tambem pelos mais fracos. Em segundo logar, ha para os bem dotados, um perigo caracteristico, muito pouco considerado até o presente: *não aprender a trabalhar!* Tudo é facil demais, tudo se aprende num instante. A marcha dos trabalhos da escola os aborrece, não os excita nem estimula. Não chegam a saber o que vale a applicação, a menos que possuam espirito intensamente espontaneo, o que não é muito frequente nas creanças bem dotadas, sobretudo nas primeiras edades. E' fóra de duvida que grande parte dos chamados "genios perdidos" vem de que esses homens não tiveram difficuldades a vencer na escola, em que tudo era muito facil e nada permitia aprender a vencer obstaculos e a cumprir penosamente obrigações desagradaveis. Essa formação da vontade dos bem dotados é, por certo, mais facil quando estão reunidos a outros do mesmo valor espirital do que quando seus collegas lhe são muito inferiores. Ha a objecção de que se fomenta o orgulho levando os mais capazes a escolas superiores: creio, no emtanto, que um jovem superior, solicitado a dar tudo quanto pôde para marchar ao lado de seus eguaes, mais facilmente é levado á modestia e ao conhecimento exacto de suas possibilidades.

Outra objecção, referente ao facto de que são afasta-

dos da classe os espiritos animadores e com isso perdem os mais fracos, que precisam de estímulo, deve ser também considerada com restricções. É certo que os bem dotados podem representar estímulo para os fracos, mas apenas quando a distancia entre uns e outros não é muito grande. O estímulo existe apenas quando ha possibilidade de aproximação. Mas, onde os bem dotados estão sempre na frente, obtendo as melhores notas, ao lado dos outros, cujos cadernos estão semeados dos traços a lapis vermelho das correções, onde não se abre perspectiva de redução do abysmo que separa uns dos outros, ahí a presença dos mais capazes actuará mais como inibição que como estímulo. Dá-se o contrario no caso das creanças retardadas: enquanto não houve escolas especializadas, estiveram confundidos os alumnos mentalmente anormaes e os normaes. De tal fórma, não podiam fazer nem aprender nada, porque a distancia que os separava dos normaes era muito grande e, não podendo competir com elles, os retardados não sahiam da apathia. As creanças retardadas só dão tudo quanto podem quando, reunidas em grupos especiaes (em que subsistem as distancias, muito menores comtudo) competem com os companheiros de classe. Não de existir também nas classes normaes, depois de apartados os bem dotados, differenças bastantes para estabelecer competencia e emulação.

Cabe considerar, finalmente, a objecção de que se pôde formar um proletariado intellectual. Se a selecção servise apenas para povoar os estabelecimentos de ensino secundario e superior, a objecção estaria, por certo, plenamente justificada. Mas, é justamente nesse ponto que a moderna selecção dos alumnos se mostra diversa dos ideas de Platão e de Fichte. Ambos se haviam preocupado exclusivamente com os sabios, que são os pináculos da capacidade. Hoje, porém, domina um conceito muito mais amplo da expressão "capaz", do que decorre organização mais rica da vida escolar nos graus superiores. A selecção deve e pôde levar, de facto, conforme a *especie de capacidade*, ás escolas de cultura, ás commerciaes, technicas, artisticas, artistico-indus-

triaes, etc. A differenciação dos typos de escola corresponde, em parte, á diversidade das direcções de capacidade, entre as quaes fórma a techno-scientifica.

A opinião aqui expandida de que não deve haver selecção ou só muito tarde (o mais tarde possível) é que ella deve ser feita, está em opposição á que exige a selecção logo que seja possível. Esta exigencia é representada, de um lado, pelos paes de creanças de grande capacidade, que supõem que mesmo nos quatro primeiros annos da escola fundamental não ha correspondencia entre a capacidade de seus filhos e o tempo da marcha e, por outro lado, pelos professores das escolas secundarias, que não desejam se abreviem a duração dos cursos secundarios, o que impediria que esses cursos alcançassem sua finalidade pedagogica. Entre essas concepções tão oppostas fixaram-se como média os quatro annos da escola fundamental, média que se deverá adoptar no futuro.

Não ha objecção possível a que, pelo menos no *quarto grau da escola fundamental*, se effective uma certa separação, ainda que nem todos approvem essa medida: a pequeno numero de alumnos e alumnas bem dotados indicaveis, em caso de possibilidade, para promoção ás escolas superiores, poder-se-ia dar, em cursos especiaes, certos conhecimentos culturaes, e mesmo certas noções de lingua (8) geralmente descuidadas, nessas proporções, no quarto grau da escola fundamental. Essa differenciação evitaria também um perigo imminente: que o professor dessa classe ligasse demasiada importancia, em seus processos pedagogicos, a preparação para a selecção final e que, para effectual-a, ensinasse muitas coisas, que apenas interessassem limitado numero de alumnos, para os quaes teriam sentido e significação. A participação nesses cursos especiaes não daria direito ao in-

(8) Seriam, p. ex., exercicios de grammatica e de outro genero, que fossem como que preparação para a aprendizagem ulterior de idioma estrangeiro.

gresso nas escolas secundarias, dependente da selecção do fim do quarto anno. (9)

Convém sejam ditas ainda algumas palavras com respeito ao momento da selecção, do ponto-de-vista psychologico. Não é possível fixar um ponto unico, igual e definitivo para todas as creanças, como se depois de quatro annos de escola o desenvolvimento da creança justificasse qualquer resolução definitiva. Podem concorrer para que esse ponto final não seja atingido razões internas ou razões externas: está no primeiro caso a não revelação expressa de capacidade elevada, e no segundo o facto de que os paes não queiram que a creança de dez annos mude de escola. A uma creança nessas condições será licito barrar irrevogavelmente a entrada á escola secundaria? Não é possível fazel-o, é claro, e por isso deve-se exigir que a selecção seja *elastica* e possa ser feita em occasião varia. Começa-se a satisfazer essa exigencia com a criação da *escola de transição*, na qual

(9) De accordo com um decreto complementar da lei da escola fundamental, de publicação recente, as creanças de capacidade notavel só podem ser promovidas para a escola secundaria depois de tres annos de escola fundamental.

Isso traz nova questão: a da "passagem" ou do "salto". A possibilidade de acelerar a carreira escolar de creanças capazes, por meio de saltos de graus, tão difundida na America e em outros logares, não existia até agora na Allemanha. Ha, é verdade, uma transgressão da successão rígida das classes, referente apenas ao aspecto negativo (repetição dos atrasados, p. ex.) e nunca ao positivo (accleração dos mais capazes): o decreto referido parece explicar a razão disso. As classes inferiores das escolas secundarias têm que organizar-se em geral sobre a base do trabalho do quarto grau da escola fundamental; sendo assim, as creanças do terceiro grau passariam para a escola secundaria com conhecimentos deficientes. E aconselhavel, pois, sempre que seja possível realizar desde logo o diagnostico das capacidades excepcionaes, que se faça com as creanças saltem um grau depois de um ou dois annos de escola fundamental, afim de que seja mais facil a incorporação depois de tres annos de escola fundamental. Esses processos só se podem applicar, como é obvio, em casos de excepção. Mas, *fundamentalmente*, devia ser possível o salto de graus.

as creanças que, depois de quatro annos não são promovidas a escola superior, têm ainda a possibilidade de receber ensino desse nivel depois de sete ou oito annos de escola primaria. (10)

Ha ainda uma razão de ordem psychologica para a selecção gradual. As capacidades humanas, especialmente das creanças, podem ser divididas em dois grupos: a "capacidade geral" (intelligencia), que determina o nivel intellectual do homem (a que se applicam as expressões "intelligente" e "retardado", "não intelligente"), e as "aptidões", que são capacidades especificas: para mathematica, para desenho, para as technicas, etc. O nivel geral da intelligencia e a aptidão são ambos de grande importancia para a selecção. No desenvolvimento do homem o grau de intelligencia geral é reconhecivel antes que o sejam as aptidões. E' assim que é possível diagnosticar com bastante probabilidade, numa creança de dez annos, o nivel da intelligencia, a capacidade de adaptação do pensamento: mas, será muito difficil diagnosticar nessa idade aptidão certa e duradoura para determinada forma de acção. Em creanças de dez annos só se pôde determinar pela selecção quaes dellas podem, em virtude de sua capacidade geral, seguir estudo de nivel mais elevado, ao passo que a diversificação de accordo com os interesses e capacidades especiaes só pode ser feita mais tarde.

III

A QUEM CABE DETERMINAR QUAES AS CREAÇAS QUE DEVAM INGRESSAR EM ESCOLA SECUNDARIA

Ha aqui outra opposição de pontos-de-vista e ha, principalmente, conflicto entre os interesses dos paes e do Estado.

(10) A *Aufbauschule* ou escola secundaria de transição, foi organizada sobre a escola primaria, da qual podem ser promovidas as creanças mais capazes, de treze ou quatorze annos, para a escola se-

O ponto-de-vista anterior de muitos paes era que a escola secundaria estava destinada, evidentemente, em razão dos recursos que exigia de familias de certas classes sociaes, a dar a seus filhos — capazes ou não — uma formação determinada e abrir-lhes a porta, assim, a profissões superiores: esse ponto-de-vista não é inteiramente defensavel hoje, nem muito menos de futuro. Toda a gente sabe de casos de alumnos que, matriculados á força nos estabelecimentos de ensino secundario, nelles soffriam enormes difficuldades e apenas graças ás recommendações e á pressão dos paes era que podiam concluir, de qualquer modo, os difficeis estudos. Era a mais violenta opposição á idéa de Platão — á aristocracia intellectua! cabe a direcção.

Nossas escolas são actualmente, antes de mais nada, estabelecimentos da collectividade: as escolas secundarias, em particular, servem ao Estado e ao povo, dando o preparo necessario á geração que deve exercer as profissões superiores e o governo. E' apenas isso que pôde justificar o facto de que o erario dispenda sommas muito maiores para o alumno da escola secundaria (apesar das taxas de matricula) que para o alumno da escola primaria. Em virtude disso, o ingresso ás escolas secundarias não pôde ser negocio de interesse exclusivo dos paes nem se pôde tolerar mais que creanças incapazes sejam mantidas nessas escolas até a universalidade.

Mas, ha outro ponto-de-vista: não se pôde desprezar o valor da tradição popular e da cultura a que se chegou através de gerações. O que foi accumulado nas familias cultas em bens culturaes e que chegou a formar uma espiritalidade, importa tambem para as creanças, em um dom que, quando alliado á capacidade, justificam que essas creanças recebam educação mais esmerada, o que tudo vem be-

cundaria (de curso reduzido a cinco ou seis annos, ao invéz dos nove dos Gymnasios e das *Oberrealschulen*). (Nota de LORENZO LUZURIAGA).

neficiar a collectividade. Em minha opinião, porém, não ha o perigo de que essas creanças assim naturalmente seleccionadas sejam em menor numero. Considere-se que, encarradas do ponto-de-vista hereditario, as chamadas classes elevadas já representam uma seleção através das gerações, o que vem a dar em parte, numa solução automatica das capacidades, por isso que sempre ascendem da massa novas classes sociaes baseadas em alguma capacidade intellectual superior. Em consequencia desse processo é muito de crer-se que nas classes sociaes superiores existam capacidades melhores, em percentagem maior que nas massas e, por causa disso, na livre competição escolar de creanças de todas as classes sociaes, caberia, tambem, de futuro, proporção muito maior de seleccionados ás creanças das classes sociaes ha mais tempo radicadas na cultura. Isso representa, seguramente, um bem para a continuidade do desenvolvimento nacional publico e social. O que devemos exigir é simplesmente que sejam abertas as portas a todas as creanças mais capazes das outras classes sociaes; o que, porém, não devemos desejar é uma subita emigração em massa de creanças do povo para outras escolas, outras classes sociaes e outras profissões.

A transformação social do povo, sobre a base das capacidades, deve, sem duvida, effectuar-se mais rapidamente do que até o presente; e continuar systematicamente cuidando de que as capacidades que se destacam não sejam paralyzadas em seu desenvolvimento nem suffocadas em germe por falta de escolaridade adequada. Mas, a continuidade organica do desenvolvimento do povo não deve ser fragmentada por causa disso como, por exemplo, aconteceu na Russia, onde de uma hora para outra sobreveiu completa transformação social. Não se deve desconhecer o facto de que a passagem das creanças do povo para as escolas superiores e, portanto, a outras espheras que não a de sua casa paterna e de seu ambiente, pôde importar, do mesmo passo, em *erradicação* para essas creanças. São arrancadas frequentemente, de seu meio domestico, familiar; e si isso acontece para

grande numero muito rapida e directamente, ha que temer dissolução e perigo para o grupo social.

Creio que, na Allemanha, não é de se temer esse perigo, ainda mesmo que se amplie a selecção dos alumnos, por isso que ha uma valvula de segurança, representada pela *participação dos paes* nas resoluções que affectam a vida da escola. Jamais será possível, na Allemanha, que o Estado chame a si *exclusivamente* a resolução do problema e diga: "As creanças me pertencem; e só eu tenho o direito de decidir que creanças irão para esta escola e que creanças irão para aquella". Neste particular, as concepções de Platão e Fichte continuarão sendo utopias. Na Allemanha especialmente, onde a vida familiar apresenta valor muito alto de moralidade, onde não se chegará jámais a excluir os representantes juridicos da creança dessa resolução de transcendente importancia. Só devem ser seleccionadas, a meu ver, as creanças cujos paes o desejem. É certo que se podem eliminar, por selecção, contra a vontade dos paes, as creanças que não sejam capazes: mas a coacção opposta se me afigura inadmissivel. (11)

É assim que pôde acontecer naturalmente que grandes e largos circulos de paes — pense-se nas classes roceiras e proletarias — não desejem afastar os filhos de seu ambi-

(11) Podem-se figurar aqui, talvez, casos de excepção. Se, por exemplo, uma creança de quatorze annos, de capacidade (geral ou especial) destacada, fosse levada, por seus paes e contra a vontade, ao exercicio de profissão inteiramente inadequada a seu gosto e a sua capacidade, poder-se-ia considerar como desejavel uma intervenção no direito educacional dos paes, como vem sendo licito até agora sempre que está em jogo a moralidade da creança. Nesse caso deveria ser ouvida não apenas a opinião da escola, mas tambem a de uma commissão de technicos, profissionaes e psychologos. Se esta ultima opinião considera a capacidade existente tão extraordinaria e promissora que necessite de ser cultivada urgentemente (não apenas no interesse do proprio individuo, senão que tambem no da collectividade), ha, então, direito moral a restringir a omnipotencia dos paes e a educar a creança a expensas de fundos publicos, na escola adequada.

ente para outras possibilidades profissionaes. Apenas uma parte dos paes da massa popular apresentará sempre os filhos á selecção, com o que fica assegurada por si mesma aquella lentidão e continuidade que demos como desejavel (12)

IV

COMO SE DEVE SELECIONAR ?

Nesta materia ha tambem controvérsias e os partidos oppostos estão representados pelos dois typos de mestres que tomam parte na selecção.

O magisterio allemão está muito dividido, coisa sabida e lamentavel; existem sobretudo entre os professores primarios e secundarios, opposições que, extremadas por motivos politicos, societarios, tornam inviavel a idéa de uma instrucção publica unitaria. Porém, em nenhum ponto essas idéas de unidade exige mais claramente comprehensão reciproca que no caso da selecção: á selecção cabe, com effeito, transpor os abysmos existentes entre seus circulos de acção. Uns devem entregar certas creanças, outros acolhel-as: como se deve distribuir entre ambos os grupos o trabalho e a responsabilidade da selecção ?

Ha, neste ponto, attitudes particulares que se devem vencer.

Por um lado a cada passo se ouve aos professores primarios a pretensão de que a elles é que cabe decidir, pois

(12) Esta *restricção* da selecção poderá favorecer tambem outros dois pontos-de-vista sociologicos. Diz-se, e com razão, que é necessario evitar a desintelectualização completa das classes sociaes populares fundamentaes e das profissões manuaes, que se faz com subtrahir-lhes todas as capacidades superiores. Por outro lado, a camada social superior do povo (que precisa de escolas superiores para sua preparação) só é capaz de acolher certa porcentagem da população total; na selecção não pôde ser, pois, regulado unicamente certo nivel absoluto de capacidades, senão que se devem levar em conta, igualmente os indices relativamente desejaveis.

que só elles é que conhecem as creanças. Por outro lado, dizem os professores secundarios que são elles que devem resolver, por isso que conhecem as exigencias da escola secundaria. Com quem está a razão?

A solução que deve ser applicada neste caso poderá talvez, surprehender; mas começa a desenvolver-se com necessidade organica. Levar a effeito a selecção exige união não só dos elementos citados, como tambem de um terceiro, que é a *psychologia*, a sciencia que tem por fim o estudo e o diagnostico das capacidades.

Por que não se ha de confiar a selecção ao professor primario, visto que elle conhece, de facto, as creanças, por haver trabalhado com ellas durante quatro annos? E' por que esses professores são tambem homens. E, na decisão sobre se uma creança deve passar a outra escola não se trata apenas de uma medida como, por exemplo, a medida comum da promoção ou não promoção de uma classe para outra ou a de prolongamento de escolaridade.

Trata-se, frequentemente, de resolução decisiva na vida da creança. Todo seu futuro quasi que depende do *sim* ou *não* da selecção. Ha, pois, no caso uma responsabilidade que não pôde ser entregue ás insupprimíveis differenças das personalidades docentes. Certo professor é tolerante e considera dignas de selecção a grande numero de creanças de sua classe; outro é muito rigoroso e indica talvez só dois para a admissão á escola secundaria. De tal arte, este professor deixa para fóra os alumnos que teriam sido seguramente seleccionados se estivessem na classe do primeiro. Ou, então, um professor escolhe, de preferencia, alumnos-modelo. Ha, ainda, professores que crêm que os alumnos "melhores" são tambem, por isso mesmo, os melhor dotados: não comprehendem que muitas creanças que na escola ficam para o lado ou são diffíceis e importunas, podem passar, por sua capacidade, para a escola secundaria mais facilmente que seus alumnos modelares mais applicados, obedientes e trabalhadores, que possuem, porém, menor numero de idéas proprias e menor iniciativa. Ou então, outro professor diz:

"Eu não desejaria apontar muitos alumnos seleccionaveis em minha classe, porque não gosto de prescindir de todos os espiritos estimuladores". Ha tambem professores que defendem a escola em communidade e que se negam expressamente a destruir essa communidade pela separação de certas creanças, exactamente as mais capazes.

E' claro que pontos-de-vista assim diversos teriam de dar origem a grande desigualdade — e, della decorrente, a injustiça — no trabalho de selecção, se fosse confiada exclusivamente ao professor com o qual os alumnos concluem o curso. Pense-se, por exemplo, na differença que existe, em uma grande cidade, entre uma escola primaria de um districto de gente arranjada e uma escola de população pobre. Nesta ultima sobresahiriam da massa dos alumnos muitas creanças que, na primeira, estariam inteiramente dentro da média: se essas creanças fossem seleccionadas pelo professor, a quem falta o padrão de medida, soffreriam depois de sanganos na escola secundaria e, mais tarde ou mais cedo, fracassariam.

Por outro lado, por que não ha-de ser sufficiente para seleccionar o professor que vae receber os alumnos? Em primeiro logar, pela razão que já indicamos: elle apenas conhece as creanças sobre as quaes deve decidir. E, depois, porque trata de medir os conhecimentos apenas por meio do conhecido e tradicional exame de admissão, que é, no caso, de todo em todo insufficiente. Do estudo comparativo que o conselheiro escolar Hylla acaba de publicar se conclue que, em 1924, ainda basta, em grande parte da Alemanha, um rapido exame de admissão do velho estylo: dictado, calculo e coisas assim, para seleccionar os alumnos para as escolas secundarias. *E' uma situação grave.* A diagnose da capacidade não é diagnose de conhecimentos nem de habilidades. Não pretendemos determinar o que as creanças aprenderam na escola em que estavam senão que, ao contrario, pretendemos precisar propriamente o *inapprendível*, isto é, aquillo que a natureza lhes deu, em disposições e possibilidades de desenvolvimento.

Vejamos claramente, com um exemplo, de que se trata. Em muitas cidades allemãs as escolas normaes foram transformadas em *escolas de transição*. Seus alumnos devem ser tirados não só das cidades respectivas, senão que tambem do campo; é, com effeito, de extraordinaria importancia que se acolham tambem as forças espirituaes que vêm do campo. Si o exame de admissão se realiza simplesmente como exame de conhecimentos, os alumnos ruraes serão muito mal seleccionados, sem duvida, por isso que é claro que uma escola rural de poucas aulas não pôde dar facilmente a multidão de conhecimentos, de exercicio do idioma, etc. que pôde proporcionar uma escola urbana de muitas aulas. Para evitar essa desproporção devemos dirigir nossa attenção para outro ponto. Desejamos conhecer a constituição da capacidade geral de pensar (inteligencia); queremos investigar tambem, nos alumnos mais velhos, seu talento para determinados dominios; queremos verificar si se acham em condições de resolver problemas novos, que se não tenham proposto antes e que, portanto, não "apprenderam" ainda e para os quaes não puderam ser preparados; em ultimo logar, se sabem sahir-se bem em situações não habituaes, intellectuaes e praticas.

Intervem aqui a *psychologia* e offerece seus prestimos.

A *psychologia* vem investigando ha mais de dez annos as capacidades infantis; suas differenças em grau e modo, seu desenvolvimento e transformação com a idade, seu tempo e condições de desenvolvimento. Vem elaborando, ao mesmo tempo, uma serie de methodo de exame (tests) que não são exames de conhecimentos ou habilidades, senão que, na parte mais geral possivel, investigam — prescindindo quanto possivel do saber escolar, apprendido — os typos determinados de pensar, de combinar, de criticar, de orientar-se e socorrer-se em problemas novos, de deduzir, de observar e coisas semelhantes. E assim já têm sido introduzidos em alguns logares, — ainda que poucos, até agora — os methodos *psychologicos* de exame da capacidade, tanto para os alumnos de dez annos que devem passar da escola fundamen-

tal para a escola secundaria, como para os de treze e quatorze annos, que se destinam a uma escola de transição.

Isto não quer dizer, é claro, que o *psychologo* deve ser collocado *no logar* dos pedagogos e que a elle exclusivamente cabe realizar a selecção. Não: o que se pretende é *collaborar*, trabalhar de mão commum com os mestres, primarios e secundarios, com os quaes foram e com os que virão a ser professores das creanças que devem occupar logar de destaque. Pôde-se perguntar: estarão esses methodos *psychologicos* tão adiantados que permitam segurança de prognostico, e dêem base a affirmações como esta: esta creanda tem muito talento, chegará facilmente á universidade e, portanto, deve ser seleccionada? Não! não é com segurança que se pôde predizer tal coisa a respeito de uma creança de dez annos, nem agora nem mesmo mais tarde, quando nossos methodos *psychologicos* estiverem muito mais adiantados. Aos homens não cabem, em geral, prognosticos mathematicamente exactos. Já o sabemos de ha muito por intermedio de uma sciencia muito mais velha que a *psychologia* — a medicina. Mas, serão os erros medicos eventuaes, em diagnostico e prognostico, razão sufficiente para não acceptar a medicina em geral? Da mesma fórma devia ser com a *psychologia*. Não creio justo que se ataque radicalmente a participação da *psychologia* na selecção dos alumnos, pela razão de que nossos methodos são ainda demasiado jovens e possa dar-se aqui e alli algum engano. (13) A selecção é problema tão difficil e tão cheio de responsabilidade que não se deve recusar nenhuma *collaboração*; os hombros do professor são demasiado fracos para supportar toda essa responsabilidade. E' frequente tambem a menção de professores primarios reflexivos que se regozijam quando suas propostas e juizos são controlados por outros criterios e, se fôr o caso, corrigidos. Importa já em progresso o facto de que, com a applicação dos methodos selectivo-*psychologicos*, seja au-

(13) Esse ponto-de-vista está representado, na *psychologia*, por J. WITTMANN (Kiel).

gmentada a segurança *relativa* da previsão e seja diminuída a probabilidade de erro. É possível, desde logo, com base nas experiências dos últimos annos, proclamar esse resultado. Essas experiências foram realizadas precisamente em Hamburgo, onde desde 1918 nosso Instituto Psychologico se vem pondo á disposição das autoridades escolares e do magisterio.

Um exemplo: em 1918 collaboramos em Hamburgo, pela primeira vez, numa selecção que devia levar elementos para a escola primaria, do quinto anno escolar para classes superiores com estudo de idiomas estrangeiros (não havia ainda, nessa epoca, a escola unificada diferenciada). Como aquellas classes não existiam anteriormente, também não havia professores que recebessem os alumnos. Por isso, demos a palavra aos methodos psychologicos. Examinamos 1.500 creanças, apontadas pelas escolas primarias: 1.000 dentre ellas foram admittidas ás novas classes. Quando anno e meio depois foram estudadas essas creanças, verificou-se que no maximo em 2% não havia sido satisfactorio o juizo a respeito de sua capacidade e estas creanças representadas pelos 2% tiveram que voltar a suas escolas de origem. É uma proporção extremamente reduzida, si se considera que o desenvolvimento mental não se póde predizer tão exactamente quanto os eclipses do sol. E quando se dava passagem para as escolas secundarias sem a collaboração da psychologia, o numero dos que fracassavam era (como se determinou depois) consideravelmente maior.

Vejamos agora resumidamente o problema de se o desenvolvimento mental do homem não é por demais alatorio para permittir *em geral* o risco do prognostico. A cada passo se nos antolha essa affirmacão, que se apoia em razões inconsistentes. Parece que ha nisso notavel erro de perspectiva. Ouve-se aqui e alli falar de um homem famoso (quasi sempre um artista) cuja capacidade era desconhecida na escola: e logo nos afirmam com esse exemplo: Ora vejamos como não é possível prophetizar a respeito de capacidades: a irracionalidade do desenvolvimento da personalidade torna impossivel qualquer predeterminação". Mas, essa *generali-*

zação de taes casos necessita precisamente de rectificação: não se terá sido enganado pela singularidade e fama do caso para dar-lhe maior força expressiva do que merece? A selecção é também um problema *sociologico*, o que equivale a perguntar: são tão frequentes esses casos de modificação imprevista do desenvolvimento para que se pchna em cheque a *verosimilhança dos prognosticos* em geral, ou serão antes casos excepcionaes? Pelo que podemos saber a respeito, com base na investigação psychologica, taes surpresas radicaes de desenvolvimento parecem ser, na verdade, muito mais raras do que se crê. O *nível mental* de um individuo em desenvolvimento é, em media, de duradoura *constancia*. Na America se realizaram exames exactos de intelligencia em muitas centenas de creanças e, também, nas mesmas creanças durante annos successivos e ficou demonstrado que o chamado "quociente de intelligencia" de um individuo costuma variar apenas dentro de limites muito reduzidos (14). Apenas em casos raros e passageiros acontece que creanças de intelligencia media venham a ser depois super ou sub-normaes (e, ainda assim, verificou-se que geralmente se tratava de casos pathologicos).

Outro exemplo é o da cidade de Altona. Nessa cidade foi levado a effeito um inquerito, pelo Laboratorio de Psychologia de Hamburgo, por indicacão do conselheiro escolar Köster, inquerito em que se pediu a grande numero de escolas da cidade que assignalasses por sua experiencia os casos de modificacões inesperadas e intensas, para cima ou para baixo, do desenvolvimento mental. O resultado foi que em todas as escolas, que em conjuncto tinham mais de 6.000 alumnos da idade correspondente, só foram assignalados oito casos, e, portanto, um pouco mais apenas de um por mil. Esse numero me surprehendeu a mim mesmo, tão reduzido

(14) Em succinto trabalho de vulgarização, publicado nesta Revista, demos algumas indicações a respeito dessa *constancia do quociente de intelligencia*. V. J. B. DAMASCO PENNA, *Iniciacão no estudo da medida da intelligencia*, "Rev. de Educ.", vol. V, n.º 5, março de 1934. — (Nota do trad.)

era. Mas, ainda quando, em exame posterior mais exacto devesse augmentar um pouco, é, no emtanto, evidente que se trata de coisas excepcionaes. Não se pôde tirar dahi nenhum argumento contra o facto de que tratemos de realizar ao menos prognostico verosimil. Isso justifica, pois, que não consideremos como certos na selecção esses casos excepcionaes, os geniaes especialmente. Muito menos ainda seria possível organizar nossa instrução publica com vistas a uns quantos casos. *Não se pôde estabelecer escolas para genios.* O genio achará por si mesmo o caminho: deve bastar que se afastem, pelo menos, certos obstaculos exteriores, para que fique "caminho aberto aos mais capazes". O que, porém, se deve fazer, é adoptar os processos adequados a certa classe de talentos e intelligencias altamente qualificadas e, nesse trabalho, pôde e deve haver collaboração da psychologia.

Em Hamburgo a selecção e a participação da psychologia nesse trabalho tomaram presentemente uma fórma que se pôde recomendar á imitação: *os methodos psychologicos estão agora vivos na consciencia do mestre collaborador e no processo da selecção.* Isso se dá da seguinte maneira: em cada escola superior trabalha uma comissão de selecção, composta de representantes das escolas em que os alumnos terminam o curso e das para que deve entrar. Essas comissões foram informadas no outomno do anno anterior de que o Instituto de Psychologia havia organizado um curso de introducção aos methodos de exame de capacidades e que os methodos seriam postos á disposição apenas das comissões que enviassem a esses cursos preparatorios. Resultou de tudo que se matricularam nesses cursos cerca de 60 professores e professoras de ambas as classes de centros docentes, que puderam ser encarregados no ultimo semestre da applicação do methodo de tests psychologicos, dos em cuja technica haviam sido preparado. Pouco antes da Paschoa foram reunidos os candidatos á selecção em classes de exame de oito a quatorze dias e ás materias dessas classes foram incorporados espontaneamente os exames de capacidade

de conforme as necessidades. As creanças não percebem que são examinadas: um test dá a impressão de trabalhos de redacção; outro, a de calculo de novo typo, etc. Na resolução, porém, os resultados desses tests agem a par das outras impressões obtidas no ensino de prova e com os outros juizes sobre as creanças, que se colhem nos certificados, etc. (15)

Minhas breves indicações deviam offerecer — de accordo com a novidade da materia — mais problemas, duvidas e perspectivas que soluções definitivas. Com minhas observações, porém, talvez se tenha visto intuitivamente que se trata de um *problema da maior importancia*, no qual devem collaborar politicos e sociologos, pedagogos, paes e psychologos. Desejaria que se considerasse esse problema como o do *descobrimto de thesouros espirituaes*. Ha tempo que o faremos na ordem material: conhecemos os thesouros que occulta o solo do paiz, cuidamos de sua determinação exacta, adoptamos medidas para descobri-los, valorizal-os e protegel-os contra o roubo. Que devamos, porém, tratar essa fórma de thesouros espirituaes, é orientação muito nova; e os thesouros mais valiosos desse genero que possuímos são as forças espirituaes occultas na juventude. Por isso a po-

(15) BOBERTAG e HYLLA, em trabalho adiante citado, representam ponto-de-vista diferente, emquanto á applicação dos methodos psychologicos á selecção dos alumnos. A *diffusão* dos methodos psychologicos de exame que elles desejam, não é possível, segundo ambos, pelo processo de Hamburgo, porque este requer muito tempo e trabalho do professor interessado. Por isso, planejam exame muito eschematicamente abreviado, no qual já não é possível collaboração directa dos psychologos. Declarei meu ponto-de-vista referente ao assumpto, resumidamente, da seguinte fórma: não importa o "methodo de Hamburgo", senão a *direcção e vigilancia psychologica* dos que realizam exames por meio de testes, para a selecção com pessoas preparadas e responsaveis. Não demorará muito que se venha a pedir a collaboração de *psychologos escolares* (que, naturalmente, devem ser tambem praticos pedagogicos). Veja-se, a proposito, a discussão entre BOBERTAG-HYLLA e eu na *Ztschr. f. päd. Psychol.* (out. 1925) assim como minhas observações sobre "Ausbildung von Schulpyschologen", *Pädag. Zentrblatt*, 1925, caderno 6.

lítica educacional da selecção está, a um tempo, a serviço destes dous fins elevados: melhorar o futuro do povo e o futuro da juventude.

BIBLIOGRAPHIA

Reunimos aqui a bibliographia de maior importancia a respeito do aspecto *psychologico* da selecção dos alumnos.

Exposição mais ampla da bibliographia anterior a 1920 vem em STERN. *Die Psychologia und die Schülerauslese* (separata de *Die Intelligenz der Kinder und Jugendlichen*), Leipzig, Barth.

Trabalhos isolados sobre selecções de alumnos realizadas são encontrados em muitas revistas (especialmente na *Zeitschr. f. angewandte Psychol.* e na *Zeitschr. f. päd. Psychol.*).

Como publicações mais geraes podem ser citadas:

(Berlim), Moede, Piorkowski, Wolff: *Dile Berliner Begabenschulen. Ihre Organisation und die experimentellen Methoden der Schülerauswahl*. 3.^a ed. Langensalza, Beyer 1919. Além de:

MOEDE und PIORKOWSKI: *Die Einwände gegen die Berliner Begabtenprüfungen so wie ihre kritische Würdigung*. Idem, 1919.

(Hamburgo). R. PETER und W. STERN: *Die Auslese befähigter Volksschüler in Hamburg*. Bericht über das psychol. Verfahren. Segunda ed. Leipzig, Bart, 1922 Hamgurger Arbeiten zur Begabungsforschung, n.º 1). Mais:

W. STERN: *Aus der jährigen Arbeit des Hamb. Psychol. Laboratoriums*, e R. PETER: *Bericht über das Hamburger Verfahren bei der Auslese der Schül für die höheren Schulen*. Ambos em: *Ztschr. für pädag. Psychologie*, vol. 26, Junho, 1925.

W. ÖPER: *Fragen und Ergebnisse der Schülerauslese*

in Hamburg, Nach amtlichem Material zusammengestellt. Hamburg, Gente, 1920.

(Lübeck), W. O. DÖRING: *Schülerauslese und psychische Berufsberatung an Lübecker Schulen*. Lübeck, Coleman, 1924.

Projectos de methodos experimentaes de selecção

W. STERN und O. WIEGEMANN: *Methodensammlung zur Intelligenzprüfung von Kindern und Jugendlichen*. 3.^a ed. completamente renovada, 1925. Leipzig, Barth (Hamburger Arbeiten zur Begabungsforschung, III).

Anweisung für die psychol. Auswahl der jugendlichen Begabten. Pela Comissão para os exames de capacidade da Associação de Mestres de Leipzig. Publicações do "Instituto des Leipziger Lehrervereins" vol. 9, Leipzig. Dür, 1919. Mais: Diferentes trabalhos nos tomos 10-13 das "Veröffentlichungen".

O. BOBERTAG und E. HYLLA: *Begabungsprüfungen für den Ubergang von Grundschule zu weiterführenden Schulen*. Publicado pelo "Zentrakubst. f. Erz. u. Unterr". Langensalza, Beltz, 1925.

Folhas de observação e caracterizações para a selecção

TH. VALENTINER: *zur Auslese für die hören Schulen*, Leipzig, Barth, 1921. (Appendice 28 á "Ztschr. f. angew psychol.).

MARTA MUCHOW: *Anleitung zur Psychol, Beobachtung von Schulkindern*. "Unter Berücksichtigung der Grundschulverhältnisse", 5.^a ed. Leipzig, Barth, 1925.

H. REBHURN: *Entwurf eines psychographischen Beobachtungsbogens für begabte Volksschüler*, Id. 1924.

H. V. BRACKEN: *Persönlichkeitsauffassung auf Grund von Persönlichkeitsbeschreibungen*. Untersuchungen zum Problem des Personalbogens. Jeaner Beiträge zur Jugend und Erziehungspsychol. L. Langensalza, Beltz, 1925.

Outros trabalhos (de métodos e de crítica)

W. STERN: *Die Intelligenz der Kinder und Jugendlichen und die Methoden ihrer Untersuchung*. 3.ª ed. Leipzig, Barth, 1920.

Hamburger Arbeiten zur Begabungsforschung. Publicados por W. STERN. Leipzig, Barth. Até agora, sete números.

Kieler Arbeiten zur Begabungsforschung. Publicados por J. Wittmann. Volkskraftverlag, Berlin-Wilmersdorf. Até agora, dois números.

W. STERN

AVISO AOS SRS. ASSIGNANTES

Afim de evitar interrupção na remessa da "Revista do Ensino", devem os srs. assignantes reformar a tempo as suas assignaturas.

Como aprender a trabalhar

Ad. FERRIÈRE

De nada serve usar os métodos mais aperfeiçoados se não se chega pouco a pouco a saber aprender por si mesmo. Ensinar a aprender, eis aqui no que apenas se pensa em nossas escolas actuaes. E sem embargo, quantos estudantes franqueam o humbral da "Alma Mater" sem se houverem formado um método de trabalho! Na escola nova impulsiona-se os alumnos para o trabalho pessoal, porém, precisamente por isso preparam-se os alumnos para essa forma de trabalho. Aos menores não se lhes dá tarefa para fazerem sós; tudo que estudam o fazem na classe, e o mestre procura indicar-lhes, sem que elles mesmos dêem conta, os melhores métodos para assignalar os conhecimentos que devem adquirir.

Depois dos doze annos, os alumnos fazem sós os trabalhos elaborados previamente em classe. Mais tarde, em vez de se lhes impor trabalhos definidos de uma lição a outra, até á idade de dezoito annos, como desde logo se faz, de ordinario, pede-se-lhes trabalho de mais importancia, exigindo investigações em obras especiaes ou em dictionarios. Por isso as escolas novas tendem a possuir bibliothecas bem providas de obras de primeira ordem. Para os alumnos de mais idade, a bibliotheca deve ser o verdadeiro logar de sua cultura pessoal. E inutil demonstrar o proveito que se alcança com que o joven haja adquirido um método de trabalho e saiba servir-se dos documentos que se acham á sua disposição. Em nossos dias, o erudito já não é aquelle que, semelhante a uma encyclopedia viva, retem de memoria tudo o que aprende. Este é raramente um espirito creador. O erudito é, antes, aquelle que, sabendo em cada instante buscar os dados de que necessita, elabora idéas, crea sua propria sciencia e realiza uma actividade fecunda no campo de sua profissão.

Ad. FERRIÈRE

O impulso creador das creanças

Antonio ALONSO
(Da secção de Educação da União Pan Americana)

A creança está sendo de dia para dia objecto de maior atenção. Quanto mais a conhecemos tanto mais a amamos, e quanto mais a amamos tanto mais a respeitamos.

Na época actual, entre os educadores da "escola nova", existe a tendencia de permittir que a creança viva a sua propria vida tão intensamente quanto lhe seja possível. Para isto é necessario deixal-a brincar, é necessario escolher cuidadosamente o material que ha de leval-a a adquirir conhecimentos que, sem interromper a sua vida, hajam de preparal-a para a vida adulta e permittir-lhe expressar a sua individualidade. Existe na creança um impulso creador com que os pedagogos antigos nunca atinaram. Já começaram a apparecer livros e revistas dedicados aos trabalhos artisticos creados pelas creanças, e certas publicações ha que constam exclusivamente de composições literarias, desenhos e pinturas de creanças. Estas publicações vão demonstrando que existe uma arte infantil completamente diferente da arte dos adultos. Uma arte que tem valor por si mesma, que representa a alma infantil, innocente e singela. Uma alma que os pedagogos descobriram, cheia de impulsos, de iniciativas, de sentimentos. Uma alma que, até agora, em grande parte, ficára suffocada antes de ter chegado a manifestar-se.

Agora os partidarios da educação progressiva tratam de evitar toda a influencia adulta que possa prejudicar o desenvolvimento artistico das creanças. Antes de se lhes dar a conhecer as obras primas — literarias, graphicas, esculpturadas — devem ter expresso por si mesmas os seus proprios

impulsos. Essas obras ellas virão a conhecel-as mais tarde, quando começar a desenvolver-se nellas o sentimento critico.

O importante no trabalho artistico das creanças não consiste em copiarem o mais exactamente possível um modelo determinado, senão em exprimirem os seus sentimentos com sinceridade e da melhor maneira de que sejam capazes.

O professor se esforçará por interpretar as impressões das creanças, para o que lhe será forçoso captar a sua confiança, associando-se a ellas no seu desejo de crear.

Nas aulas de desenho e pintura as creanças pequenas não precisam de outra cousa senão material bastante para desenhar ou pintar e uma grande abundancia de tempo livre. Não precisam de technica. O desenho para ellas é um brinquedo. Cumpre respeitar a sua phantasia creadora e deixal-as em liberdade durante muito tempo antes de poder começar a ensinar-lhes as regras da arte sem lhes causar prejuizo. O que se lhes pode ensinar desde o principio é a cuidar do material — afim de que adquiram habitos de limpeza e ordem — e a usar o corpo livremente enquanto trabalham. "A technica", disse Miss Gertrude Hartman, editora da revista *Progressive Education*, "deve-se introduzir á medida que della houver necessidade, como um estimulo para melhorar a expressão".

O plano geral da "Walden School" de Nova York, segundo o descreve a directora de arte, Mrs. Florence Cane, é como se segue:

"A's creanças de 2 a 10 annos de idade se permite usarem livremente do material: lapis pretos e de cores (muito molles), papel em abundancia, cores de aquarella e barro. Desenham, pintam ou modelam á vontade, do mesmo modo que quando brinçam com os seus brinquedos. Como é um impulso espontaneo, livre — pois deixa-se que os sigam espontanea e livremente — não seria pratico haver uma mestra especial. Assim, pois, a professora effectiva do curso se encarrega da classe de arte, assim como do outro trabalho. No principio do anno visita a aula varias vezes e dá á mestra algumas idéas geraes... Uma vez que se tenha dado o mate-

rial ás creanças, deixa-se que façam o que queiram e que desenhem ou pintem enquanto durar o seu interesse. Enquanto estiverem contentes com o seu trabalho estou certa de que aquillo que ficar representado no papel corresponderá á imagem interior. Uma menina de 5 annos disse em certa ocasião, referindo-se á sua pintura: "E' como o que eu sinto dentro em mim".

Em algumas ocasiões as creanças não se lembram de cousa alguma para pintar. E' lhes impossível ver claro o seu sentimento. Peppino Mangravite, conhecido pintor que ensina nas escolas Montessori e Potomac, Washington, D. C., diz que quando uma creança não se lembra de cousa alguma ou não pode ver claramente os seus desejos, elle sempre a ajuda a interpretar o seu sentimento por meio de perguntas habilmente dirigidas. Por exemplo, diz-lhe:

- Muito bem, se não podes desenhar nada, não te esforces, mas dize-me o que gostarias de fazer agora.
- Gostaria de ir nadar — responderá talvez a creança.
- Gostas de nadar?
- Sim.
- Queres ir sozinho?
- Não.
- Gostarias de ir com creanças ou com homens? e quantas pessoas gostarias de te acompanharem?
- Umás tres creanças.
- Perfeitamente; gostarias de ir ao mar ou a um lago?
- A um lago.
- Existem arvores em redor do lago? Descreve-m'as.

"Desta forma", disse o Sr. Mangravite, "desenvolvo a imagem mental. Fazemol-o juntos, porém todas as idéas vem da creança. Quando me parece que a imagem está bastante clara em seu espirito, digo: "Muito bem, agora faze a pintura. Desenha o logar onde tu gostarias de ir nadar. Eu gostaria de ver o logar que te agrada".

Quando as creanças chegam á idade de 10 annos desperta-se nellas um sentimento de critica e começam a comparar as suas produções com os objectos naturaes. E' este



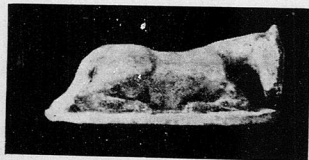
ILLUSTRAÇÃO E POEMA ORIGINAES POR UM MENINO DE DOZE ANNOS

(Tradução literal)

O vento ruidosamente brama,
A neve cae em abundancia,
Um velhinho avança através de tudo isto,
O "Homem das Noites de Inverno".
E' velho e corcunda, mas caminha
para o seu castello de prata, a "Formosa Luz da Lua".
A seu passo, as arvores se inclinam
Deante do seu rei, o "Homem das noites de Inverno".



CREANÇAS PINTANDO O SCENARIO PARA UMA COMEDIA ESCOLAR

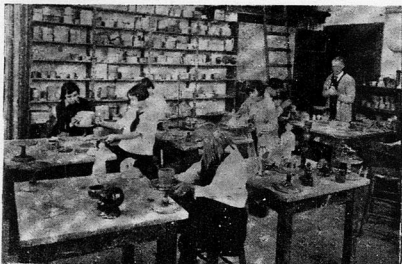


ARTE PLASTICA

Gravura superior: Trabalho de um aluno de 11 annos em Nova York
Gravura inferior: Modelo de um cavallo, por uma creança de 9 annos



CREANÇAS FAZENDO COSTUMES



CREANÇAS TRABALHANDO EM MODELAGEM DE BARRO

o momento de ajudal-as com conselhos; de inicial-as em alguns principios technicos. Nesta idade tambem preferem usar pinturas a oleo. Em algumas escolas, para enriquecer os conhecimentos das creanças, para dar-lhes idéas e tambem para evitar que possam fazer comparações, desperta-se-lhes a imaginação por meio de contos, leituras historicas e literarias e descrições de paizes remotos. Miss Ellen W. Steele, de Rosemary Junior School, Greenwich, Connecticut, conta que em certa occasião centralizou o interesse de um grupo de creanças de 11 annos no periodo primitivo grego. "Estudaram", disse ella, "a vida quotidiana do povo e procuraram dados sobre as suas casas, seus trajes e costumes. Encheram sua imaginação de mythos e legendas, leram trechos da Odyséa, e obtiveram uma verdadeira concepção imaginativa dos tempos primitivos gregos e suas variadas actividades. As creanças começaram logo a fazer de barro uma fazenda grega, com montanhas e planicies que iam dar ao mar. Tambem fizeram de barro figuras de typos gregos e animaes agricolas. Tudo era rude e primitivo, representando as actividades agricolas dos gregos. Além disto as creanças expressaram em palavras a idéa destas scenas, e entre si as representavam em pantomimas. Tratamos de fornecer musica para estas pantomimas e o conseguimos. Encontramos uma forma rythmica que julgamos ser parecidas á usada nas primitivas danças gregas. Decidimos fazer uma representação deante do resto da escola, como uma festa em honra de Dionysio, imitando até onde possivel a maneira pela qual os primitivos gregos haviam celebrado a colheita, com os seus coros e o seu director e com os aldeãos reunidos nas ladeiras. Isto exigia decorações e vestuarios".

O primeiro problema artistico que tiveram de resolver foi o da decoração. As creanças representaram em pintura a idéa que tinham de uma paizagem grega. Cada creança se encarregou daquillo que sabia fazer melhor: uma pintou as montanhas e rochas, outra a parreira, outra campos e ovelhas, outra o mar e os barcos, etc. "Uma das cousas", continuou a Srta. Steele, "que mais me interessou em tudo isto foi ob-

servar como uma arte reforça a outra. O espírito da paizagem grega encontrou expressão na acção e a acção necessitou alguma explicação por meio de palavras, e estas representaram de outra forma o mesmo quadro. As creanças julgaram que seria necessario explicar ao publico o que representava cada scena. E como já haviam ouvido a leitura de alguns cantos homericos, surgiu a idéa de escrever cada scena por meio de um hymno escripto pelas creanças em honra a cada um dos deuses mythologicos que figuravam na festa.

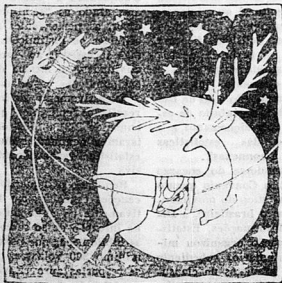
Na escola de Francis W. Parker, Chicago, Illinois, celebra-se annualmente uma festa chamada o "Dia de Maio". A rainha eleita pelos alumnos recebe em sua córte os poetas e musicos que recitam em sua honra. Aos que julga meliores a rainha oferece uma flor em signal de apreciação. Durante o decurso das aulas uma classe se encarrega de escrever musica para o poema considerado como sendo o melhor, o qual é cantado na festa seguinte. Quando chega o mez de março, as professoras começam a falar desta festa a seus discipulos, animando-os a compor poemas e musicas. Entregam-lhes uns cadernos com uma variedade de cantos e poesias, entre os quaes estão incluídos alguns dos premiados em annos anteriores". Dois ou tres alumnos trabalham ao mesmo tempo com um professor ou sozinhos em um lugar da escola onde não sejam interrompidos; ás vezes as creanças compõem a melodia em casa. As melodias são escriptas no quadro negro e cantadas pela classe. A interpretação é feita com o auxilio do mestre, e se acha sujeita á acceitação do "compositor". A classe e o compositor fazem criticas detalhadas. O mestre faz as indicações que lhe pareçam uteis, especialmente no que se refere á forma, porém nada diz quanto ao gosto. O canto representa tanto quanto possível o gosto do alumno. Quanto ao acompanhamento, se o alumno não tem habilidade nem idéas neste assumpto, fazem-se-lhe varias indicações e elle escolhe as harmonias que lhe agradam".

Na literatura dá-se o mesmo que no desenho, na pintura ou qualquer outra das manifestações artisticas: chega um momento em que aparece na creança o sentimento cri-

tico; quer saber a opinião do mestre. E' este o momento de inicial-as na technica. Mas não se deve pedir ás creanças que escrevam só para aprender a technica. Algumas dellas se aprasem em que o mestre possa sentir ao ler as suas composições o que ellas sentiram quando as escreveram. Gostam tambem de que lhes ensine a tornar mais interessante e mais real o que escreveram.

Pode-se asseverar que se se deixa as creanças escreverem o que sentem, em completa liberdade, sua expressão será feliz e espontanea; grande parte do que escreveram será interessante e alguma cousa será realmente bella.

Não se pôde esperar que todas as creanças sejam artistas, que façam obras primas, mas em todo o caso pode-se esperar que aprendam a apreciar a arte, que sintam intensamente; e a melhor maneira de conseguil-o consiste em ajudal-as a desenvolver completamente, em suas diversas manifestações, o impulso creador que nellas existe.



GRAVURA EM MADEIRA

Por um menino de 14 annos da "Skokie School", Winnetka, Illinois

A estatística bibliothecaria no Brasil

(Comunicado da Directoria Geral de Informações, Estatística e Divulgação do Ministério da Educação e Saúde Publica).

Divulgando em caderno mimeographado, ora em distribuição, a estatística do movimento bibliothecario brasileiro em 1933, esta Directoria, como repartição responsável por esse levantamento, prestou, em nota explicativa que precede as respectivas tabellas, os seguintes esclarecimentos.

“A estatística das bibliothecas inclue-se entre os levantamentos de natureza cultural que, interessando em commum á União e ás suas Unidades Politicas, ficaram submettidas ao regimen de co-opeção estatuida entre estas e aquella pelo Convenio inter-administrativo realizado a 20 de Dezembro de 1931, no intuito de assegurar “o aperfeiçoamento e a uniformização das estatísticas educacionais e connexas”.

Desempenhando-se do encargo que lhe fixou o Convenio quanto ao estudo estatístico do movimento bibliothecario brasileiro, a Directoria de Informações, Estatística e Divulgação organizou minucioso questionario, obediente ás condições previstas na clausula XV do alludido accordo, e distribuiu esse instrumento de collecta pelas 700 bibliothecas cons-

tantes do cadastro previamente levantado. Esse cadastro, na conformidade do que recommendou a Commissão Mixta, do Instituto Internacionad de Estatística e do Instituto de Coopeção Intellectual da Liga das Nações, excluiu as bibliothecas escalares. Compreendeu, porém, não só as bibliothecas “publicas”, isto é, as franqueadas á consulta publica, mas ainda as “semi-publicas”, a dizer, as pertencentes a serviços officias ou instituições privadas, mas accessiveis ao uso de collectividades, ou mesmo do publico em condições especiaes.

Excessivamente deficientes, os resultados colligidos quanto aos annos de 1931 e 1932 não se prestaram a nenhuma systematização estatística razoavelmente expressiva.

Renovado o inquerito com precauções especiaes em 1934, relativamente ao anno anterior, mas na intenção de só se computarem as bibliothecas que possuissem no minimo 300 volumes, obtiveram-se repostas aproveitaveis de 298 organizações bibliothecarias comprehendidas nas condições da estatística. Das 402 restantes, 67

se declararam pequenas livrarias que não possuíam ainda o effectivo minimo fixado, 46 allegaram impossibilidade de informar por se acharem em organização ou reorganização, e 289 deixaram de responder ás reiteradas solicitações que lhes foram dirigidas.

A rigor, o exito do inquerito não é ainda satisfactorio. Mas duas considerações aconselharam o aproveitamento do material informativo que se conseguiu obter, não obstante a sua deficiência.

E' que, por um lado, convinha focalizar quanto antes o assumpto, com objectivo de propaganda, unico meio de despertar entre as instituições interessadas o espirito de coopeção sem o qual o empreendimento não logrará nunca exprimir com rigorosa exactidão, como tanto convem á cultura do paiz, o movimento bibliothecario nacional. Enquanto que, por outro lado, o effectivo bibliographico de 2.575.622 unidades (exclusive peças avulsas), das 298 bibliothecas que podiam ser incluídas agora na estatística segundo o criterio restrictivo adoptado, já se apresentava bem superior ao acervo de 1.818.958 volumes, que possuíam em 1912 as 455 bibliothecas constantes da estatística levantada para aquelle anno pela extincta Directoria Geral de Estatística; accrescendo que as lacunas verificadas têm significação bem menor do que apparentam, pois, exceptuadas algumas poucas bibliothecas importantes que lamentavelmente se mantiveram entre as não infor-

mantes, taes como as Bibliothecas Publicas dos Estados do Amazonas, Rio Grande do Norte e Sergipe, as organizações não informantes são por via de regra, ou centros bibliographicos de pequeno vulto, ou instituições precariamente organizadas, umas e outras, por conseguinte, contribuindo pouco para os fins culturais do aparelho bibliothecario.

E si é facto que os ultimos dados divulgados officialmente sobre o numero de volumes das bibliothecas brasileiras accusavam effectivos bem mais vultosos (os de 1929 registraram o total de 9.075.384 volumes), não ha incoherencia entre elles e os desta estatística. Os algarismos ora colligidos têm significação parcial, exprimindo apenas o effectivo exacto das *bibliothecas informantes*, mas, ainda, excluídas do inquerito não só todas as bibliothecas escolares como tambem dentre as não escolares, publicas ou semi-publicas, aquellas que possuíam menos de 300 volumes. Ao passo que os numeros anteriormente divulgados, além de terem comprehensão absolutamente geral, incluíram tambem a estimativa das collecções pertencentes ás bibliothecas não informantes.

Tentou-se, assim, com razoavel fundamento, a apuração do material informativo recebido. E a systematização estatística que foi possivel organizar com relação a 1933 é a que se vê neste resumo do conjunto de tabellas.

Com relação á totalidade das bibliothecas informantes, apre-

senta o trabalho quatro quadros, destinando-se o primeiro a registrar a "synopse geral" do inquerito, reservando-se os tres seguintes ao computo dos "volumes e peças" da collecção "obras impressas" segundo os "assumptos" e os "idiomas", e classificando o ultimo, os "volumes e peças da collecção "obras especiaes" segundo as principaes categorias.

Referindo-se apenas ás "bibliothecas publicas", exhibe o quinto e ultimo quadro o "movimento de consultantes".

Os algarismos que exprimem o numero de bibliothecas destacam as quatro dependencias administrativas — a "federal", a "estadual", a "municipal" e a "particular", discriminando tambem as bibliothecas "publicas", isto é, franqueadas á consulta publica, e as de uso de collectividades — "semi-publicas", estas ainda distribuidas conforme façam parte ou não de instituições officiaes.

A discriminação dos effectivos das "obras impressas" segundo os assumptos obedece a um schema synthetico, com as seguintes especificações genericas; assumptos cosmologicos e biologicos; assumptos politicos, sociaes, philosophicos e moraes; litteratura em geral; estatistica, geographia e historia; agricultura, commercio, industria e artes uteis; assumptos geraes; assumptos não especificados.

A distribuição segundo os idiomas distingue as collecções bibliographicas em portuguez, em francez, em hespanhol, em italiano,

em inglez, em allemão, em latin e grego, em outros idiomas e, finalmente, em idiomas não especificados.

Os algarismos da tabella sobre as "obras especiaes" referem-se separadamente ás seguintes especificações: cartas geographicas e plantas; composições musicas; manuscritos; peças iconographicas; jornaes; revistas; effectivos de natureza não especificada.

A tabella final, sobre o movimento de visitantes das "bibliothecas publicas" registra, além dos tolaes annuaes, a respectiva discriminação por mezes.

Accrescentando-se a esses esclarecimentos, que os dados ora divulgados se referem sempre á divisão politica do paiz, tem-se dito o necessario para indicar succintamente o significado e o conteúdo deste breve systema tabular sobre o movimento bibliothecario no Brasil em 1933.

A ninguem escapará por certo a importancia desta estatistica e muito menos aquelles que respondem pela direcção de organizações bibliothecarias. E si os primeiros resultados que lhe divulga o Ministerio da Educação se apresentam ainda sensivelmente deficientes, actuará, tal circumstancia, na consciencia profissional de todos quantos mais directamente devem contribuir para o exito deste recenseamento provocando um cordial impulso de cooperação com a repartição federal por elle responsavel.

Assim, si todas as organizações interessadas nesse trabalho pres-

tarem diligentemente, quanto ao levantamento de 1934, o concurso que lhes será solicitado com a offerta deste opusculo, a estatistica desse anno será duplamente uma eloquente expressão da cultura brasileira.

E' o que espera confiantemente a Directoria de Informações, Estatistica e Divulgação".

Em outro comunicado serão divulgados os mais expressivos algarismos da estatistica a que allude a nota supra.

Vida escolar em M:nas Geraes

Pedimos aos srs. directores de estabelecimentos de ensino publico e particular (escolas isoladas, grupos escolares, escolas normaes e gymnasios) que nos forneçam, para serem publicadas, photographias (instantaneos, de preferencia) documentarias da vida escolar em nosso Estado.

A protecção internacional ás obras literarias e artisticas

(Comunicado da Directoria Geral de Informaçoes, Estatística e Divulgação do Ministerio da Educação e Saude Publica).

Segundo communicação do governo belga, dirigida ao Ministerio das Relações Exteriores, foi adiada para 1936 a Conferencia a que se devia realizar em Bruxelas no anno proximo, para discutir as novas modificações a serem introduzidas na Convenção de Berna, relativa á protecção das obras literarias e artisticas, affim de que aquella acto internacional corresponda ás aspirações modernas no que concerne ao problema que teve em vista resolver o pacto de 1886, revisto em Berlim, em 1908, e na Conferencia de Roma, em 1928.

A terceira revisáo da Convenção de 1886 apresenta um vivo interesse para os autores, e a Conferencia de Bruxellas produzirá certamente os melhores fructos, a conaçar pela integraçáo, no texto europeu, de algumas innovações que já beneficiam o direito americano e têm por instrumento a Convenção de Buenos Ayres, firmada em 1910, por occasião da 6.ª Conferencia Internacional Americana e revista em 1928, em Havana como resultado

da 6.ª Conferencia Internacional Pan-Americana.

A proposito dessa aproximação, lê-se na publicação "L'année 1933 de la Coopération Intellectuelle", editada pelo Instituto Internacional de Cooperaçáo Intellectual da Liga das Nações:

"Dois grandes systemas internacionaes regem actualmente os direitos do autor: — a Convenção de União de Berna e a Convenção Pan-Americana, de Havana. Em conjunto, congregam elles mais de 60 Estados dos dois continentes. Um unico, porém, o Brasil, figura, no presente momento, como signatario dos dois textos".

"Embora a Convenção de Berna esteja, em virtude do seu estatuto, aberta a todos os paizes, a reserva verificada a seu respeito pela maioria das nações americanas, impediu-a, até agora, de assumir um caracter universal.

Por outro lado, a Convenção Pan-Americana, na sua fórma actual, não pôde servir tambem como instrumento para uma protecção commum a todos os paí-

zes. Ella está, com effeito, limitada aos Estados americanos, porquanto a Conferencia de Buenos Aires extinguiu a clausula de execução inscripta nas primeiras conferencias pan-americanas".

"Essa situação levou a delegação brasileira, por occasião da Conferencia de Roma, de 1928, a tomar a iniciativa de um voto tendente á aproximação das duas Convenções. Esse alvitre, adoptado unanimemente pela Conferencia, foi renovado, nos termos seguintes, pela nona Assembléa da Liga das Nações..."

Menciona em seguida a referida publicação o teor da resolução, approvada pela Liga que recommendou ao respectivo Conselho promover, por intermedio dos seus órgãos competentes, os estudos e consultas necessarios para apreciar a opportunidade de um entendimento geral, tendo por objectivo a unificação internacional das leis e das medidas que visam proteger as criações do espirito, tudo de conformidade com os votos emitidos pela Conferencia de Roma.

Um simples exemplo se afigura bastante para accentuar os beneficios que está destinada a prestar a Conferencia de Bruxellas e este se encontra na debatida questão do direito moral dos autores.

O texto originario da Convenção de Berna silenciou sobre o assumpto, o mesmo succedendo quanto ao da revisáo de Berlim, embora a importancia daquelle direito houvesse sido realçada em varios Congressos Internacio-

naes, como o de Imprensa, em 1899, e outros em que a Associação Literaria e Artistica Internacional tomou parte saliente, concorrendo com um projecto de lei typo sobre direitos autoraes.

Por outro lado, o Instituto Internacional de Cooperação Intellectual interveiu no movimento iniciado, que foi, até certo ponto, coroado de exito com a inclusão, em 1928, no texto revisto da Convenção de Berna, do artigo 6.º bis, o qual assegurou aos autores, independentemente dos direitos pecuniarios, com os de reivindicação quanto á paternidade da obra, o de se opporem, na defesa de sua honra e reputação, ás deformações, mutilações ou de outras quaesquer alterações offensivas a quello patrimonio moral.

A 6.ª Conferencia de Havana deu um passo á frente, estabelecendo no texto do estatuto de Buenos Aires, o artigo 13 bis, o qual estabeleceu que "sempre que os autores de obras literarias e artisticas cederem estas em pleno exercicio de seu direito de propriedade, cederão apenas o direito de gozo e de reproducção" e que esses autores conservem sobre suas obras um direito moral de fiscalização *inalienavel*, que lhes permitirá opporem-se a toda e qualquer reproducção ou exhibição publica dessas mesmas obras alteradas, mutiladas ou modificadas".

Commentando o dispositivo supra, em uma dissertação apresentada á Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro,

assignna o insigne jurista, dr. Philadelpho de Azevedo, que esse texto é superior ao de Roma "porque declara expressamente inalienavel o direito moral cuja omissão pôde dar lugar a controverbias quanto ao texto europeu".

Outro assumpto interessante a ser focalizado na Conferencia de Bruxellas é o que diz respeito ao chamado "droit de suite", que consiste no direito conferido ao autor de participar dos valores

successivos obtidos pelas suas obras nas vendas publicas.

A generalização desse beneficio já consagrado nas legislações da Belgica, da França e da Tcheco-slovaquia, representará uma bella conquista da civilização, attendendo a um voto que, inspirada num sentimento de justiça e de equidade, formulará em tempo a Conferencia de Roma e realizará provavelmente o certame de Bruxellas.

Indice geral

(1.º TRIMESTRE DE 1935)

	PAG.
CURSO PARA PROFESSORES RURAES E DISTRICTAES —	
<i>Redacção</i>	1
O CANTO NAS ESCOLAS — Georgina Machado da Cruz	5
EXCURSÕES ESCOLARES — Cifra Lacerda	9
INSTITUIÇÕES ESCOLARES — Esther de Azevedo Morando	12
SEMANA PEDAGOGICA EM CURVELLO — Salvador Pires	
<i>Pontes</i>	15
BEHAVIORISMO VERSUS PRAGMATISMO — Abel Fagundes	
A PEDAGOGIA DE RABELAIS — Ernesto M. Brandão	24
INFLUENCIA DAS LEITURAS NAS COMPOSIÇÕES DAS	
CREANÇAS — Irene Lustosa	27
NOTAS SEMANAES — Arthur Oscar Guimarães	32
SUGESTOES PARA A ORGANIZAÇÃO DOS TRABALHOS ES-	
COLARES NO MEZ DE FEVEREIRO — Leonilda	
<i>S. Montandon</i>	37
O NOSSO SYSTEMA DE EXAMES — Arthur Furtado	41
EDUCAÇÃO DO CORPO E EDUCAÇÃO DO ESPIRITO —	
<i>Victor Lacombe</i>	48
O PEQUENO POLLEGAR — Maria Ilza Fróes	52
O GIGANTE DAS BOTAS DE SETE LEGUAS — Geny Men-	
<i>donça</i>	42
OS SOLDADINHOS — Zuleika Mello	56
EDUCAÇÃO MORAL E EDUCAÇÃO PHYSICA — Gabriella M.	
<i>de Carvalho</i>	58
O JOGO — Raymond Pastor	72
A PROPOSITO DE JORNAES ESCOLARES	95
PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DE ENSINO REGIO-	
NAL — Redacção	101
NOTAS SEMANAES — Oscar Arthur Guimarães	111
O METHODO GLOBAL NO ENSINO DA LEITURA — Leonilda	
<i>S. Montandon</i>	117
BEHAVIORISMO E GESTALTISMO — Lucio José dos Santos	121

Pedimos permuta a todas as publicações
congeneres dos Estados e do estrangeiro

	Pags.
OS JORNAES ESCOLARES EM MINAS GERAES — <i>Mario Cunha</i>	138
PROJECTO — <i>Maria Suzel de Padua</i>	147
HYMNO AO BRASIL — <i>Durval Pinho e L. L.</i>	152
IMPORTANCIA DA FOME — <i>Abel Fagundes</i>	154
A PROPOSITO DE PEÇAS DE MUSICA CLASSICA — <i>M. Chevais</i>	157
EM PROL DA EDUCACÃO RURAL — <i>Humberto Bruno</i>	171
METHODOLOGIA DA ESCRIPTA E ORTHOGRAPHIA — <i>Rosa Bruno</i>	179
PROTECCÃO INTER-AMERICANA A' PROPRIEDADE INTELLECTUAL	198
AOS SRS. DIRECTORES DE ESTABELECIMENTOS DE ENSINO — <i>Redacção</i>	201
NORMAS E DIRECTRIZES EDUCACIONAES — <i>Mario Matos</i>	203
A COMPOZIÇÃO NAS ESCOLAS PRIMARIAS — <i>Costantino Magliulo</i>	217
A EVOLUÇÃO DA CREAÇÃO — <i>Afonso dos Santos</i>	222
A FUNCCÃO DAS BIBLIOTHECAS ESCOLARES — <i>Abel Fagundes</i>	227
O AMPARO DO PEQUENO JORNALEIRO — <i>Helena Antipoff</i>	229
A EDUCACÃO PHYSICA TRATADA EM CONGRESSO — <i>Renato Eloy de Andrade</i>	235
A MESTRA E A CREAÇÃO — <i>Fabiola Chaves de Souza</i>	238
A SELECCÃO DOS ALUNOS — <i>W. Stern</i>	253
COMO APRENDER A TRABALHAR — <i>Ed. Ferrière</i>	285
O IMPULSO CREADOR DAS CREAÇÕES — <i>Antonio Alonso</i>	286
A ESTATISTICA BIBLIOTHECARIA NO BRASIL	292
A PROTECCÃO INTERNACIONAL A'S OBRAS LITERARIAS E ARTISTICAS	296

— : —

Vida escolar em Minas Geraes

Pedimos aos srs. directores de estabelecimentos de ensino publico e particular (escolas isoladas, grupos escolares, escolas normaes e gymnasios) que nos forneçam, para serem publicadas, photographias (instantaneos, de preferencia) documentarias da vida escolar em nosso Estado.

Indice alphabetico dos auctores

(1.º TRIMESTRE DE 1935)

	PAG.
A	
ABEL FAGUNDES — <i>Beaviorismo Versus Pragmatismo</i>	20
<i>Importancia da fome</i>	154
<i>A funccão das bibliothecas escolares</i>	227
AD. FERRIERE — <i>Como aprender a trabalhar</i>	285
AFFONSO DOS SANTOS — <i>A evoluçào da creaçào</i>	222
ANTONIO ALONSO — <i>O impulso creador das creações</i>	286
ARTHUR FURTADO — <i>Nosso systema de exames</i>	41
C	
CIFRA LACERDA — <i>Excursões escolares</i>	9
COSTANTINO MAGLIULO — <i>A composiçào nas escolas primarias</i>	217
D	
DURVAL PINHO E L. L. — <i>Hymno ao Brasil</i>	152
E	
ERNESTO DE MELLO BRANDÃO — <i>A Pedagogia de Rebelais</i>	24
ESTHER AZEVEDO MORANDO — <i>Instituições escolares</i>	12
F	
FABIOLA CHAVES DE SOUZA — <i>A mestra e a creaçào</i>	238

Traductor publico juramentado

Prof. Wolfgang Apfel

Encarrega-se, mediante preços previamente combinados, da tradução de livros, artigos, documentos, etc. — em francez, inglez e allemão.

Rua Carijós n. 108 -- C. Postal n. 576
Tel. n. 4028 -- **Bello Horizonte**

ASSIGNATURA DA "REVISTA"

Anno 24\$000

Semestre 12\$000

Numero avulso, 2\$000

Collecção de um anno. . . 25\$000

Os pedidos devem ser enviados á Directoria da "Revista do Ensino", na Secretaria da Educação e Saude Publica, Bello Horizonte.

Origem: Doação

Preço:

ADVOCACIA - PROCURATORIOS

O Escriptorio do **Dr. Nelson de Moura** aceita quaesquer serviços perante as repartições estaduaes e federaes. Remette, com antecipação, mediante combinação previa, os vencimentos de seus constituintes.

Extracção de titulos. Licenças. Aposentadorias. Férias especiaes. Recebimento de vencimentos, gratificações e diarias. Registro de diplomas. Inscrições e emprestimos na Previdencia dos Servidores do Estado, etc.

**Trabalho rapido. — Exactidão de contas
HONORARIOS MODICOS**

**Avenida Affonso Penna n. 599 - 1º
BELLO HORIZONTE**

ADVOCACIA E PROCURATORIOS

**Dr. Antonio Jorge de Faria
Orlando Thomaz Garcia**

Executam com presteza e pontualidade qualquer serviço perante as repartições publicas

Remettem os vencimentos de seus constituintes logo após o recebimento dos attestados de exercicio
Informações gratuitas — Exactidão de contas

— HONORARIOS MODICOS —
Rua S. Paulo, 387 - Sala, 107 - Caixa Postal, 260 - Phone, 3106
BELLO HORIZONTE